

1. CONCEPÇÕES DE LEITURA, INTERAÇÃO AUTOR⇌TEXTO⇌LEITOR, LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDO, FATORES DE COMPREENSÃO DA LEITURA;

CONCEPÇÃO DE LEITURA

(Fonte: KÖCH E ELIAS. **Ler e Compreender**. São Paulo: Editora Contexto, 2007)

O que é ler? Para que ler? Como ler? Poderão ser respondidas de diferentes modos, os quais revelarão uma concepção de leitura decorrente da concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido que se adote.

Foco no autor

- língua como representação do pensamento e do
- sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações.

Leitura:

- captação das idéias do autor, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor.
- reconhecimento das intenções do autor

Foco no texto

- língua como estrutura
- sujeito pré-determinado pelo sistema

Leitura:

- "tudo está dito no dito"
- reconhecimento das palavras e estruturas do texto.

Foco na interação autor-texto-leitor

Concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente - se constroem e são construídos no texto.

- o sentido é construído na interação texto-sujeito

Leitura:

- uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos
- requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Para ilustrar o que foi dito:



Fonte: Folha de São Paulo, 13 abril, 2005

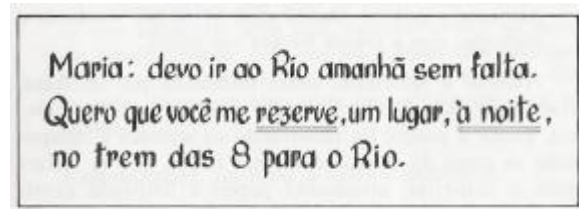
Podemos então concluir que a leitura

- é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor;
- exige bem mais que conhecimentos do código lingüístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo.

A INTERAÇÃO: AUTOR⇌TEXTO⇌LEITOR

A história do gerente apressado

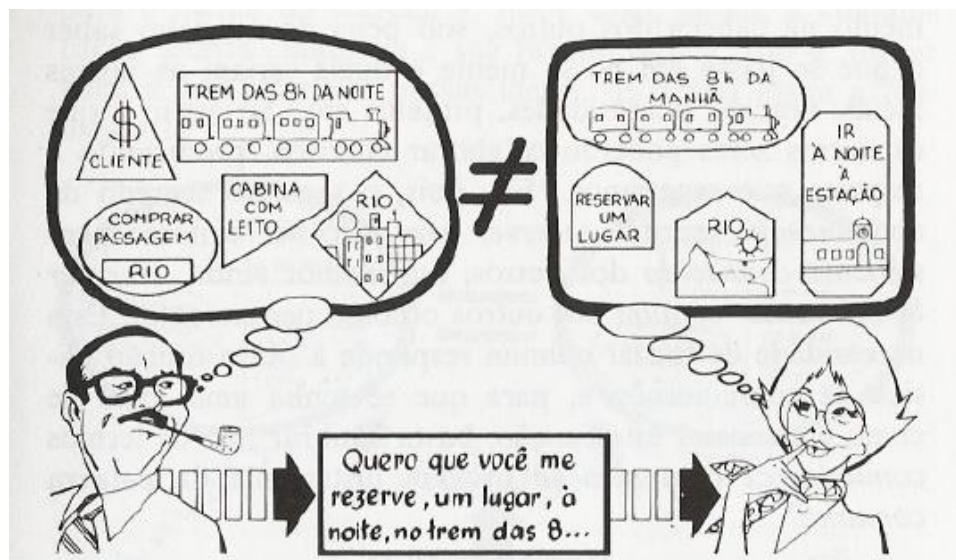
Certa vez, um apressado gerente de uma grande empresa precisava ir ao Rio de Janeiro para tratar de alguns negócios urgentes. Como tivesse muito medo de viajar de avião, deixou o seguinte bilhete para a sua recém-contratada secretária:



Sabe o leitor o que aconteceu?

O gerente, simplesmente, perdeu o trem!

Por quê?



TRÊS TROPEÇOS E TRÊS SEGREDOS

Primeiro tropeço

Bilhete errado ----- resposta errada

Primeiro segredo

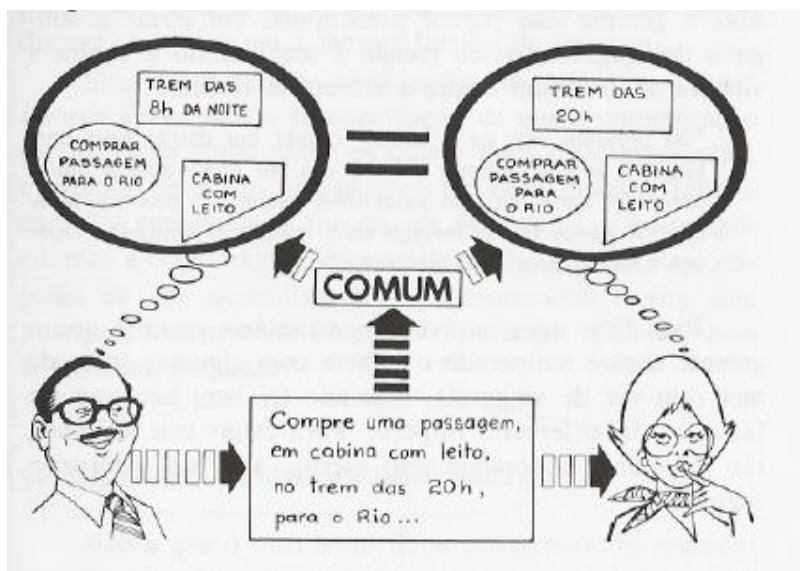
Mensagem correta --- resposta correta

Segundo tropeço

Uma idéia clara e brilhante, mas, só na cabeça do autor

Segundo segredo

Escrever bem = comunicar bem – tornar comum



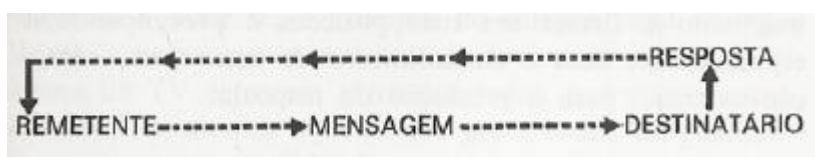
Terceiro Tropeço:

“Com vinagre não se apanham moscas!”

Terceiro segredo:

Escrever bem = persuadir

Temos que ter em mente sempre para nos comunicar bem o esquema abaixo:



Fonte: BLIKSTEIN, Izidoro **Técnicas de comunicação escrita**. São Paulo: Editora Ática, 2003

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, e seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (In: PCN – Parâmetros Nacionais Curriculares)

Assim, a atividade de leitura requer do leitor uma contrição de sentido, para o que ele pode utilizar-se de estratégias de leituras tais como: seleção, antecipação, inferência, verificação, relacionadores e desencadeadores.

LEMBRE-SE: O LEITOR CAUTELOSO DEVE ABANDONAR AS INTERPRETAÇÕES QUE NÃO ENCONTREM APOIO EM ELEMENTOS DO TEXTO.

Exercício: Leia o poema de Cecília Meireles:

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,

Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
- em que espelho ficou perdida,
A minha face?
(Cecília Meireles: poesia)

1. Qual o tema do poema de Cecília Meireles? Quantas leituras o poema admite?

2. No verso 9, a autora define dois planos distintos. Quais são eles? Que relação há entre eles?

3. O poema pode ser dividido em dois eixos:
Significados que remetem ao presente (explicitamente); e ao passado (implicitamente).
Quais são eles? Preencha o um quadro explicativo.

Significados no Presente	Significados no Passado

Que diferença marcante existe no quadro acima?

4. Que palavras no texto apontam o envelhecimento físico? E o envelhecimento psíquico?
Quais são os termos relacionadores e os desencadeadores do texto? Justifique.

LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDO

(Fonte: KOCH E ELIAS. **Ler e Compreender**. São Paulo: Editora Contexto, 2007)

Objetivos de leitura

São os objetivos do leitor que nortearão o modo de leitura, em mais ou menos tempo; com mais ou menos atenção; com maior ou menor interação.

Leitura e produção de sentido

Com a atividade de leitura baseada na interação autor-texto-leitor, temos: a materialidade lingüística elemento sobre o qual se constitui a interação, e também os conhecimentos do leitor - essenciais para o estabelecimento da interação, da intensidade, da durabilidade, da qualidade.

Leitura e ativação do conhecimento

Um sentido para o texto, e não o sentido do texto.

Visto que com a atividade de leitura, ativamos: lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade, conhecimentos textuais etc.

A leitura e a produção de sentido são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva; conhecimentos da língua e das coisas do mundo.

Pluralidade de leitura e sentidos

O conhecimento de cada leitor reflete como ele lê os textos. Vejamos:



Fonte: Folha de S. Paulo, 11 ago 1997 - Galhardo

A pluralidade de leituras e de sentidos pode ser maior ou menor dependendo do texto, do modo como foi constituído, do que foi explicitamente revelado e do que foi implicitamente sugerido.

Orientação de sentidos no texto

Vejamos mais um texto

Retirado da revista *Veja*, out. 2004

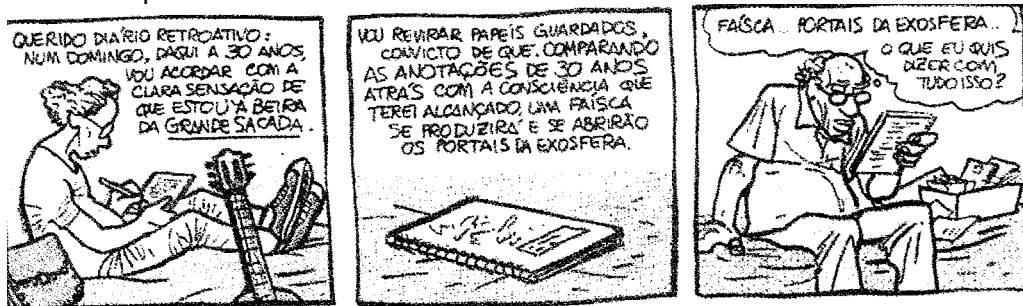
Não te amo mais
Estarei mentindo dizendo que
Ainda te quero com sempre quis
Tenho certeza que
Nada foi em vão
Sinto dentro de mim que
Você não significa nada
Não poderia dizer mais que
Alimento um grande amor
Sinto cada vez mais que
Já te esqueci
E jamais usarei a frase
Eu te amo!
Sinto, mas tenho que dizer a verdade
É tarde demais.

FATORES DE COMPREENSÃO DA LEITURA

Embora defendamos a correlação de fatores implicados na compreensão da leitura, queremos chamar a atenção para as vezes em que fatores relativos ao autor/leitor, por um lado, ou ao texto, por outro lado, podem interferir nesse processo, de modo a dificultá-lo ou facilitá-lo.

Autor/leitor

Esses fatores referem-se a conhecimento dos elementos linguísticos (uso de determinadas expressões, léxico antigo etc.), esquemas cognitivos, bagagem cultural, circunstâncias em que o texto foi produzido.



Fonte: *Fo/ha de S. Paulo*, 8 maio 2005.

Pode acontecer também que o texto venha a ser lido num lugar muito distante daquele em que foi escrito ou pode ter sido reescrito de muitas formas, mudando consideravelmente o modo de constituição da escrita.

Por exemplo, os textos escritos no século XV, XVI.

Podemos concluir:

- Um texto pode ser lido num lugar e tempo muito distantes daquele em que foi produzido;
- Um texto pode ser reescrito de muitas formas, objetivando atender a diferentes tipos de leitor.

Texto e Leitura

No processo de leitura, o leitor aplica ao texto um modelo cognitivo, ou esquema, baseado em conhecimentos armazenados na memória.

Assim, o texto é um exemplo de que o autor pressupõe a participação do leitor na construção do sentido, considerando a (ré)orientação que lhe é dada. Nesse processo, ressalta-se que a **compreensão não requer que os conhecimentos do texto e os do leitor coincidam, mas que possam interagir dinamicamente.**

Se, como vimos, a leitura é uma atividade de construção de sentido que pressupõe a interação autor-texto-leitor, é preciso considerar que, nessa atividade, além das pistas e sinalizações que o texto oferece, entram em jogo os conhecimentos do leitor. São desses conhecimentos que trataremos a seguir.

2. Conhecimento lingüístico, conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo, conhecimento interacional;

(Fonte: KOCH E ELIAS. **Ler e Compreender**. São Paulo: Editora Contexto, 2007)

Leitura, sistemas de conhecimentos e processamento textual

Na atividade de leitura e produção de sentido, colocamos em ação várias estratégias sócio-cognitivas.

Dizer que o processamento textual é estratégico significa que os leitores, diante de um texto, realizam simultaneamente vários passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis e rápidos.

Para termos uma ideia de como ocorre o processamento textual, basta pensar que, na leitura de um texto, fazemos pequenos cortes que funcionam como entradas a partir dos quais elaboramos hipóteses de interpretação.

KOCH (2002) afirma que, para o processamento textual, recorremos a três grandes sistemas de conhecimento:

1. Conhecimento lingüístico
2. Conhecimento enciclopédico;
3. Conhecimento interacional

1. Conhecimento Lingüístico

Abrange o conhecimento gramatical e lexical. Baseados nesse tipo de conhecimento, podemos compreender: a organização do material lingüístico na superfície textual; o uso dos meios de coesivos para efetuar a remissão ou sequenciação textual; a seleção lexical adequada ao tema ou aos modelos cognitivos ativados.



Fonte: O Estado de S. Paulo, 17 set. 2004.

Para a compreensão dessa tirinha, é necessário considerar a ligação entre a idéia 1: Mão única e a idéia 2: não necessariamente a certa estabelecida pelo elemento coesivo - **mas** -, conjunção que expressa oposição em relação ao esperado, ao pressuposto. No caso, se é mão única, espera-se que seja a certa. O que o uso do **mas** expressa, no exemplo, é justamente a oposição à idéia pressuposta. Certamente, poderemos realizar leituras e leituras em relação à tirinha, porém, nessa atividade de produção do sentido, o **mas** é elemento relevante.

2. Conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo

Refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo - uma espécie de *thesaurus* (lista de palavras ou frases sobre um determinado assunto) mental- bem como a conhecimentos alusivos a vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos. Vejamos os textos a seguir:

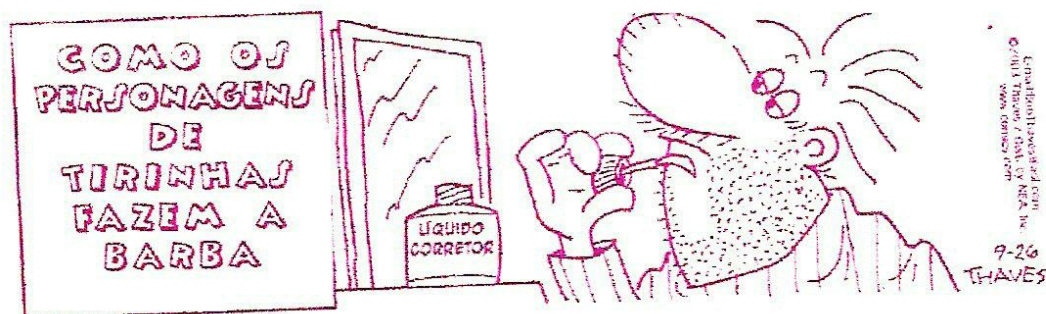
Texto 1. Olé é deixar nossos adversários vendo estrelas. Seis, de preferência.

Se não levarmos em conta conhecimentos de mundo, como, então, compreender o enunciado: seis, de preferência?

Para a compreensão do texto, é preciso saber que o Brasil é pentacampeão, foi classificado para a Copa do Mundo de Futebol em 2006, na Alemanha, e o esperado por todos nós torcedores brasileiros, e que o país fosse campeão e, dessa forma, seja o único a obter o título de hexacampeão mundial.

Ainda sobre o conhecimento enciclopédico, vejamos que, nos textos a seguir, esse conhecimento é essencial para a produção de sentido.

TEXTO 2



Fonte: O Estado de S. Paulo, 16 set. 2004.

Na leitura do texto, entendemos o enunciado como os personagens de tirinhas fazem a barba, quando levamos em conta que:

- As personagens de tirinhas são criações resultantes do trabalho do autor;
- Esse trabalho, geralmente, é publicado em jornais ou revistas;
- O líquido corretor é um produto utilizado para correção da produção em papel;
- Os homens, no mundo real, usam aparelho de barbear para fazer a barba e, assim, alterar ("corrigir") seu visual;
- Os personagens, seres do mundo ficcional criados em papel, também podem alterar (corrigir) seu visual, porém, para tanto, recorrem a outro instrumento: o líquido corretor.

Texto 3.



Fonte: O Estado de S. Paulo, 6 set. 2004.

O enunciado do texto 3 "Quebrou, pagou" seria uma versão não polida daquele enunciado que poderia ser mais ou menos assim traduzido: "é bom não tocar nos objetos. porque, se o fizer e quebrar algo. terá de pagar". Quanto ao enunciado 2 "Leu (usando leitura dinâmica), pagou", nos chama a atenção:

- O paralelismo sintático construído em relação ao enunciado 1: Quebrou, pagou: Leu ... , pagou;
- A informação entre parênteses usando leitura dinâmica.

Segundo nosso conhecimento de mundo, sabemos que leitura dinâmica é um método caracterizado por técnicas que propiciam uma leitura com muita rapidez. Também pelo nosso conhecimento de mundo, sabemos que sempre há quem recorra a esse método para justificar "uma olhadinha (e claro, sem pagar) em livros, revistas e jornais expostos em bancas de jornais, livrarias ou lugares afins. Pois bem. no caso do enunciado 2, a pressuposta desculpa dada por leitores, que funciona como justificativa para "ler sem pagar" - é usada na tirinha como justificativa para o pagamento. Como vemos, se os leitores não ativarem esses conhecimentos de mundo, a compreensão do texto estará comprometida.

3. Conhecimento interacional

Refere-se às formas de interação por meio da linguagem e engloba os conhecimentos:

- a. Ilocucional;
- b. Comunicacional;
- c. Metacomunicativo;
- d. Superestrutural

a) Conhecimento ilocucional

Permite-nos reconhecer os objetivos ou propósitos pretendidos pelo produtor do texto, em uma dada situação interacional. .

Como por exemplo, no trecho a seguir de José de Saramago, extraído do livro *A maior flor do mundo*, escrito para crianças.

As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples, porque as crianças, sendo muito pequenas sabem poucas palavras ...

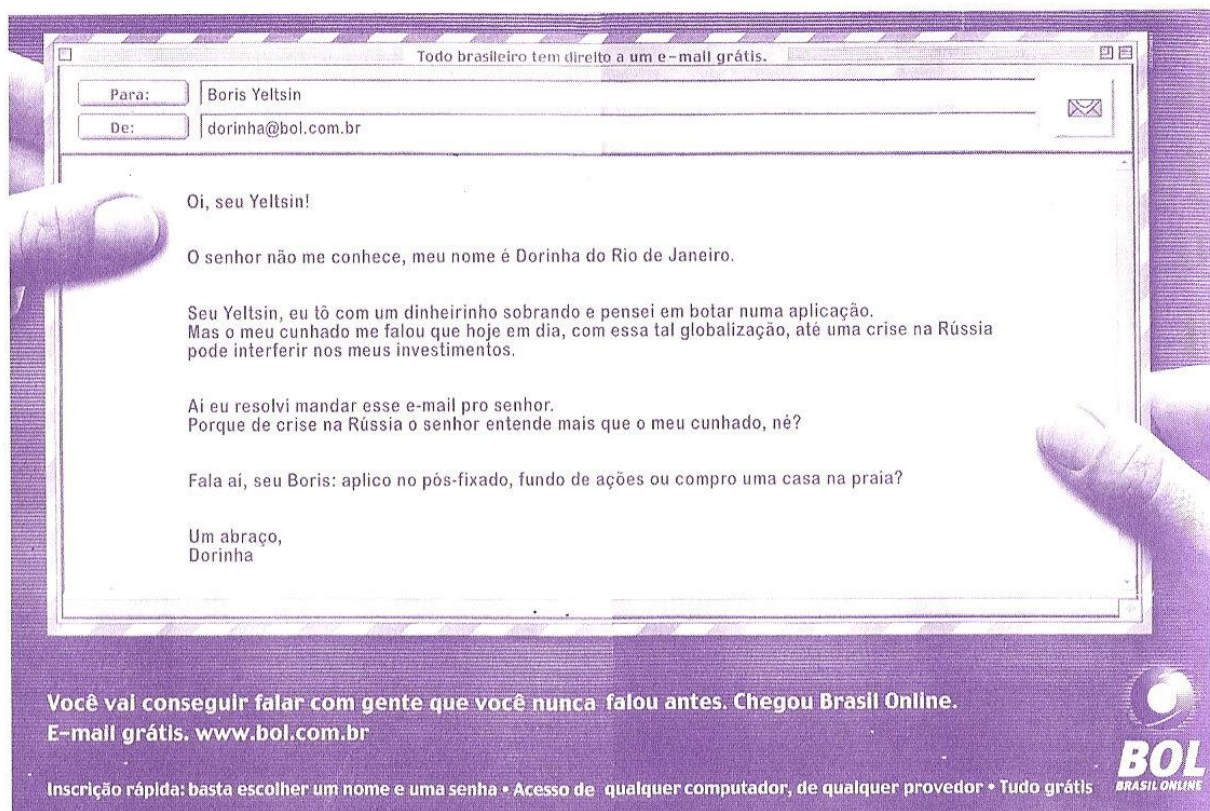
Quem me dera saber escrever essas histórias, mas nunca fui capaz de aprender, e tenho pena. Além de saber escolher as palavras, faz falta um certo jeito de contar, uma maneira muito certa e explicada, uma paciência muito grande - e a mim falta-me pelo menos a paciência, do que peço desculpa.

Qual o objetivo do autor com esse trecho?

b) Conhecimento comunicacional

Diz respeito à:

- Quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto;
- Seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação;
- Adequação do gênero textual à situação comunicativa ..



E, esse texto como você o classificaria em relação ao conhecimento comunicacional de sua autora?

c) Conhecimento metacomunicativo

É aquele que permite ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir a aceitação pelo parceiro dos objetivos com que é produzido. Para tanto, utiliza-se de vários tipos de ações lingüísticas configuradas no texto por meio da introdução de sinais de articulação ou apoios textuais, atividades de formulação ou construção textual, como será destacado nos textos a seguir.

- A grafia do não com realce;
- As expressões que se constituem como comentários sobre o próprio discurso (em destaque no texto) são exemplificadoras conhecimento metacomunicativo, Vejamos:

No texto, Satrápolis:

Satrápolis

Fotos Divulgação

Marjane Satrapi tinha tudo para **NÃO** ser quadrinista. Nasceu no Irã em 1969; cresceu em meio à ascensão do rigor religioso em seu país, que vetava qualquer tipo de influência cultural estrangeira — “comics”? você está de brincadeira?!—; e, se não bastasse, ainda por cima, era mulher. Não há um pingote de preconceito nessa frase, mas a simples constatação de que, sim, o mundo dos quadrinhos foi e continua sendo extremamente machista. Só que, adolescente, Marjane foi parar na França —assunto já discutido aqui—, talvez o único lugar do mundo onde os quadrinhos são considerados tudo de bom. Por homens e mulheres.

O resultado é “Persépolis”, mistura de diário de infância da autora com reflexões precoces sobre política e religião, o islamismo, no caso. Dividido em quatro volumes (o segundo acaba de sair aqui pela Companhia das Letras), muitas vezes soa leve e divertido, com uma série de informações curiosas sobre uma cultura diferente. Em outras, no entanto, o preto parece tomar conta da página e a leitura pode ser bem mais dolorida do que “uma simples história em quadrinhos” poderia proporcionar. Bem-vindo a Satrápolis.

EU ERA DA MESMA OPINIÃO QUE A MINHA MÃE, TAMBÉM SÓ TINHA VONTADE DE PENSAR NA VIDA. MAS NEM SEMPRE ERA FÁCIL: DUAS VEZES POR DIA NÓS TINHAMOS QUE CHORAR AS VÍTIMAS DA GUERRA, A DIRETORIA DA ESCOLA PUNHA MÚSICAS TRISTES PARA TOCAR E A GENTE BATIA NO PRÓPRIO PEITO.



Quadro de “Persépolis 2”, de Satrapi

O BRACELETE AINDA ESTAVA PRESO NO...
NÃO SEI...



Fonte: Dias, Diego. *Folha de S.Paulo*, Folhateen, 18 abr. 2005.

Exercício

Procure nos textos da apostila ou escreva um texto com conhecimentos metacomunicativos.

d) Conhecimento superestrutural ou conhecimento sobre gêneros textuais

Permite a identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social. Envolve também conhecimentos sobre as macrocategorias ou unidades globais que distinguem vários tipos de textos, bem como sobre a ordenação ou seqüenciação textual em conexão com os objetivos pretendidos.

“Gêneros Textuais”

3. Intertextualidade

O que é intertextualidade?

Campo de estudo da Linguística Textual

O que nos remete a duas outras perguntas

- No processo da escrita ao constituirmos um texto recorremos a outro(s) texto(s)?

- E no processo de leitura para que o texto faça sentido precisamos (re)conhecer outros textos ali constituídos?

Vejamos os textos abaixo:



Fonte: Folha de São Paulo, 10 out. 2005

Texto fonte – Águas de Março de Tom Jobim.

Escândalo e literatura (... o caso do dinheiro na cueca)

Um Haikai (um forma poética de origem japonesa, que valoriza a concisão e a objetividade)

Cueca e dinheiro,

o outono da ideologia

do vil companheiro.

À moda Machado de Assis

“Foi petista por 25 anos e 100 mil dólares na cueca”

À moda Dalton Trevisan

“PT. Cem mil. Acabou”

À moda concretista

“PT

cueca

cu

PT

eca

peteca

te

peca

cloaca”.

À moda Graciliano Ramos

“Parecia padecer de um desconforto moral. Eram os dólares a lhe pressionar os testículos”.

À moda Rimbaud

“Prendi os dólares na cueca, e vinte e cinco anos de rutilantes empulhações cegaram-me os olhos, mas não o raio-x”

À moda Álvaro de Campos

“Os dólares estão em mim já não me sou mesmo sendo o que estava destinado a ser nunca fui senão isto: um estelionato moral na cueca das idéias vãs”

À moda Drummond

“Tinha um raio-x no meio do caminho, e agora José?”

À moda T.S. Eliot

“Que dólares são estes que se agarram a esta imundície pelancosa? Filhos da mãe! Não podem dizer! Nem mesmo estimam o mal porque conhecem não mais do que um tanto de idéias fraturadas, batidas pelo tempo. E as verdades mortas já não mais os abrigam nem consolam.”

À moda Lispector

“Guardei os dólares na cueca e senti o prazer terrível da traição. Não a traição aos meus pares, que estávamos juntos, mas a séculos de uma crença que eu sempre soube estúpida, embora apaixonante. Sentia-me ao mesmo tempo santo e vagabundo, mártir de uma causa e seu mais sujo servidor, nota a nota”.

À moda Lenin

“Não escondemos dólares na cueca, antes afrontamos os fariseus da social-democracia. Recorrer aos métodos que a hipocrisia burguesa criminaliza não é, pois, crime, mas ato de resistência e fratura revolucionária. Não há bandidos quando é a ordem burguesa que está sendo derribada. Robespierre não cortava cabeças, mas irrigava futuros com o sangue da reação. Assim faremos nós: o dólar na cueca é uma arma que temos contra os inimigos do povo. Não usá-la é fazer o jogo dos que querem deter a revolução. Usá-la é dever indeclinável de todo revolucionário.”

A moda Stalin

“Guarda a grana e passa fogo na cambada!”

À moda Gilberto Gil

“Se a cueca fosse verde como as notas, teríamos resgatado o sentido de brasilidade impregnado nas cores diáfanas de nosso pendão, numa sinergia caótica com o mundo das tecnologias e dos raios que, diferentemente dos da baianidade, não são de sol nem das luzes dos orixás, mas de um aparelho apenas, aleatoriamente colocado ali, naquele momento, conformando uma quase coincidência entre a cultura do levar e trazer numérico, tão nacional, tão brasileira quanto um poema de Torquato”

À moda Ferreira Gullar

“Sujo, sujo, não como o poema mas como os homens em seus desvios”

À moda Paulinho da Viola

“Dinheiro na cueca é vendaval”

À moda Camões

“Eis pois, a nau ancorada no porto à espreita dos que virão d'além na cobiça da distante terra, trazendo seus pertences, embarcam minh'alma se aflige tão cedo desta vida descontente”

À moda Guimarães Rosa

“Notudo. Ficado ficou. Era apenas a vereda errada dentre as várias.”

À moda Shakespeare

“Meu reino por uma ceroula!!!”

À moda Dráuzio Varela

“Ao perceber na fila de embarque o cidadão à frente, notei certa obesidade mediana na região central. Se tivesse me sentado ao seu lado durante o voo, recomendaria um regime, vexame que me foi poupado pelos agentes da PF de plantão no aeroporto. Cuidado portanto, nem toda morbidez é obesidade”

À moda Neruda

“Cem mil dólares e uma cueca desesperada”

No tocante a intertextualidade, podemos dizer que, enquanto alguns trechos reproduzem o “estilo” do autor do **texto fonte**, outros trechos se constituem de modo a remeter a passagens deste. Em ambos os casos conhecer o texto-fonte ou modo de constituição é condição necessária para a construção de sentido.

Strictu sensu a intertextualidade ocorre quando um texto está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade.

Intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores.

Assim ainda podemos, dizer que um texto cita o outro, basicamente, com duas finalidades:

- a) para reafirmar alguns dos sentidos do texto citado;
- b) para polemizar, através da inversão, paráfrase, da deformação de alguns dos sentidos do texto citado.

De forma breve, apresentamos o conceito de intertextualidade. Para avançarmos mais um pouco no tema, trataremos, agora, do modo pelo qual a intertextualidade pode se constituir e constituir textos.

Pode ser de explícita ou implícita.

A intertextualidade **explícita** ocorre quando há citação da fonte do intertexto, como acontece nos discursos relatados, nas citações e referências; nos resumos, resenhas e traduções; nas retomadas de textos de parceiros para encadear sobre ele ou questioná-lo na conversação (KOCH, 1997).

Intertextualidade **implícita** ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, paródias, em certos tipos de paráfrases e ironias. (KOCH, 1997).

Nesse caso, exige-se do interlocutor uma busca na memória para a identificação do intertexto e dos objetivos do produtor do texto ao inseri-lo no seu discurso. Quando isso não ocorre, grande parte ou mesmo toda a construção do sentido fica prejudicada.

Exercícios

I. Análise os textos a seguir e responda: são exemplos de intertextualidade? Se sim explícita ou implícita? Qual o seu texto base?

1.

ESSA É UMA PARCERIA DA VARIG COM A VIVO E DEMAIS OPERADORAS 4003 7000* | 0 XX 11 4003 7000** | www.varig.com.br consulte uma loja VARIG ou o seu agente de viagem

PUBLICIS SALES NORTON



FICOU MUITO MAIS PRÁTICO VOAR COM A VARIG. AGORA VOCÊ PODE RECEBER O NÚMERO DO SEU BILHETE ELETRÔNICO NO CELULAR.

ESTA VANTAGEM É VÁLIDA PARA QUEM TEM SMILES OURO, PRATA OU PARA CLIENTES QUE VIAJAM DE PRIMEIRA CLASSE OU EXECUTIVA. ALÉM DISSO, VOCÊ PODE TAMBÉM RECEBER NO CELULAR OUTROS AVISOS IMPORTANTES.

VARIG
A STAR ALLIANCE MEMBER

VIAJAR COM CONFORTO, RAPIDEZ E TRANQUILIDADE TEM NOME: VARIG, VARIG, VARIG.


* Ligação tarifada através de pulso local.
** Localidades não atendidas pelo serviço 4003, ligação com tarifa telefônica DDD.

A GENTE VAI MAIS LONGE POR VOCÊ.

te: Folha de S.Paulo, 30 mar. 2005.

2.

AGRADEÇO À ARNO A GRAÇA ALCANÇADA.
Mãe que sofria uma lavadora semi-automática que lava até 5 calças jeans.



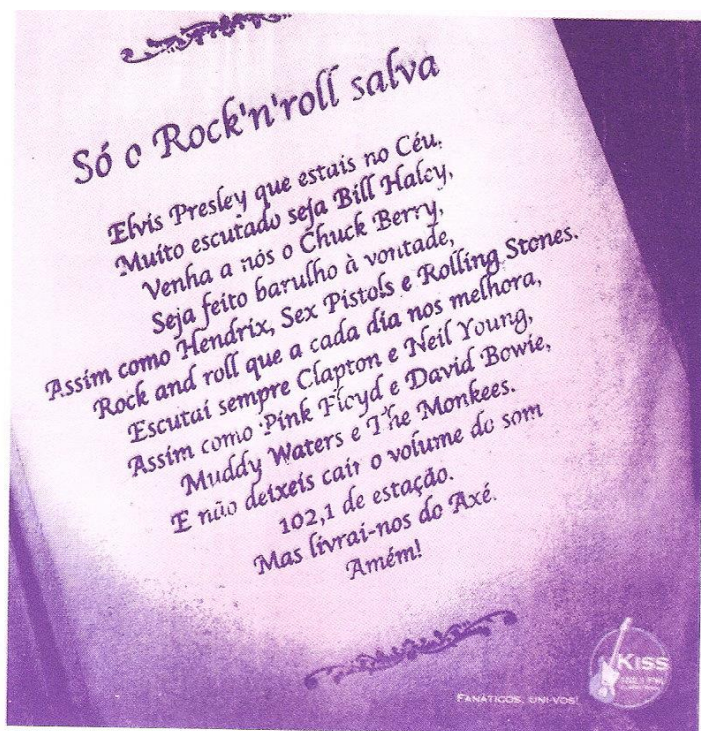
- Lavagem completa em água e sabão quente. Com o uso correto, os tecidos duram até 10 anos mais tempo.
- Água quente, sabão e mágica. É a lavagem mais inteligente.
- Superlavar: movimento suave e água quente para melhor higienização.

Fonte: Revista Contigo.

3.



4.



Fonte: Folha de S.Paulo, 13 nov. 2005.

5.



Fonte: O Estado de S.Paulo, 10 abr. 2005.

6.



Fonte: Folha de S.Paulo, 24 dez. 2005, Caderno Ilustrado.

8.

Intertextualidade **implícita** ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, paródias, em certos tipos de paráfrases e ironias. (KOCH, 1997).

II. Intertextualidade nas músicas

SAMPA (Caetano Veloso)

alguma coisa acontece no meu coração
que só quando cruza a ipiranga e a avenida são joão é que quando eu cheguei por aqui eu
nada entendi da dura poesia concreta de tuas esquinas
da deselegância discreta de tuas meninas
ainda não havia para mim rita lee
a tua mais completa tradução
alguma coisa acontece no meu coração
que só quando cruza a ipiranga e a avenida são joão quando eu te encarei frente a frente não
vi o meu rosto chamei de mau gosto o que vi de mau gosto o mau gosto é que narciso acha
feio o que não é espelho
e à mente apavora o que ainda não é mesmo velho nada do que não era antes quando não
somos mutantes e foste um difícil começo afasto o que não conheço
e quem vem de outro sonho feliz de cidade
aprende depressa a chamar-te de realidade
porque és o avesso do avesso do avesso do avesso do povo oprimido nas filas nas, vilas
favelas
da força da grana que ergue e destrói coisas belas da feia fumaça que sobe apagando as
estrelas
eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços tuas oficinas de florestas teus deuses da
chuva
panaméricas de áfricas utópicas tûmulo do samba mais possível novo quilombo de zumbi e os
novos baianos passeiam na tua garoa
e os novos baianos te podem curtir numa boa.

A. Explique o significado de Sampa.

B. O texto relaciona lugares de São Paulo, bem como poetas, músicos e movimentos culturais que agitavam a cidade na época em que foi escrito. Identifique-os.

C. Há uma referência à mitologia grega e a um de seus mitos. Qual é ele? Conte sua lenda e relacione-a com a explicação dada por Freud, dentro da psicanálise.

D. O poeta, Caetano Veloso, cita o quilombo de Zumbi. O que você sabe sobre essa passagem da história? Qual o seu significado na letra da música?

E. O texto faz alusão a uma particularidade climática de São Paulo. Identifique-a.

F. Como seria sua compreensão do texto sem esses conhecimentos prévios? Qual a importância da intertextualidade na interpretação textual?

G. Por que Caetano Veloso usou letras minúsculas em todo o texto, inclusive nos nomes próprios?

H. Podemos interpretar SAMPA apenas com esta frase: São Paulo inspira ao mesmo tempo ódio e amor? Justifique?

4. TEXTO E CONTEXTO, CONTEXTUALIZAÇÃO NA ESCRITA

TEXTO:

Tecer, enlaçar, entrelaçar. O autor de um texto tece as idéias, enlaça as palavras e vai construindo com habilidade um enunciado (oral ou escrito) capaz de transmitir uma mensagem, por constituir um todo significativo com intenção comunicativa, colocando o emissor em contato com o receptor. Texto é, também, qualquer imagem - charges, quadrinhos, figuras e desenhos que transmitem uma mensagem.

(Con)Texto, leitura e sentido

Seguindo a conduta de que a leitura é uma atividade altamente complexa de produção de sentidos que se realiza com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes. O sentido do texto não existe *a priori*, mas é construído na interação sujeitos-texto. Assim sendo, na e para a produção de sentido, necessário se faz levar em conta o contexto, ou seja, tudo aquilo que, de alguma forma, contribui para ou determina a construção do sentido.

Um estudo de texto sem a consideração do contexto é altamente insuficiente, por diversas razões:

a) Certos enunciados são ambíguos, mas o contexto permite fazer interpretação unívoca.

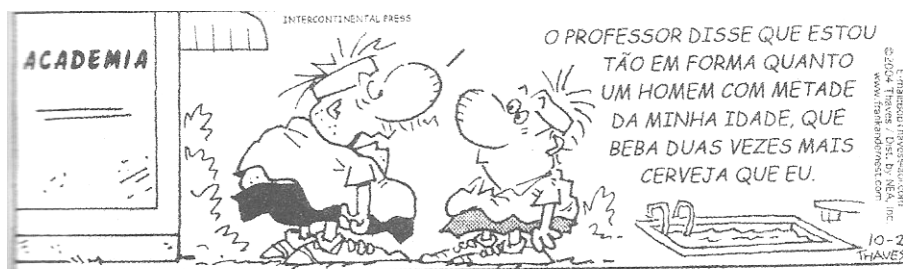
Ex. Ao chegar à cidade, a jovem dirigiu-se a um banco: _____

b) O contexto permite preencher as lacunas do texto, isto é, estabelecer os “elos faltantes”, por meio de “inferências-pontes”

Ex.: O navio aproximava-se do porto. Os marinheiros preparavam-se para lançar as âncoras.

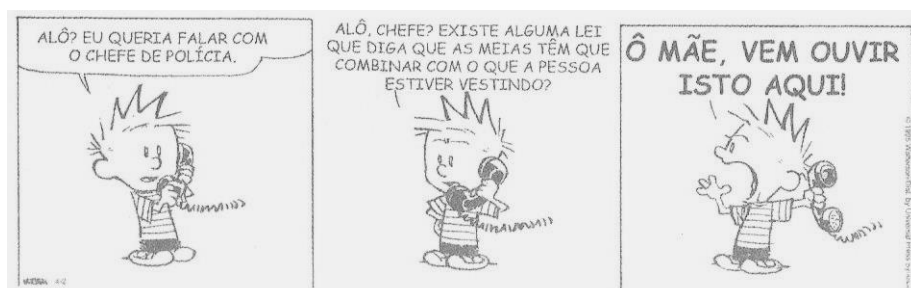
Não é preciso mencionar explicitamente que é dos marinhos e das âncoras daquele navio de que se está falando

c) Os fatores contextuais podem alterar o que se diz



Fonte: O Estado de S. Paulo, 28 jul. 2005.

d) O contexto Justifica – explica ou justifica por que se disse isso e não aquilo.



Fonte: O Estado de S. Paulo, 26 mar. 2005.

Contextualização na escrita

Contexto de produção e de uso, na escrita nem sempre coincidem.

Um autor proficiente deve saber balancear o que ele deve dizer e o que deve permanecer implícito.

Exemplo:

A Secretária da escola atende o telefone

- Alô.
- Meu filho está muito gripado e não vai poder ir à escola hoje.
- Quem está falando?
- Quem está falando é o meu pai.

Assim, podemos entender a definição de contexto de Van Dijk (1997).

“O conjunto de todas as propriedades da situação social que são sistematicamente relevantes para a produção, compreensão ou funcionamento do discurso e de suas estruturas.”

CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM; DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA

LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA

LINGUAGEM: é todo sistema de sinais convencionais que nos permite realizar atos de comunicação. Pode ser verbal e não-verbal.

- a). **verbal:** aquela cujos sinais são as palavras
- b). **não-verbal:** aquela que utiliza outros sinais que não as palavras.

Os sinais empregados pelos surdos-mudos, o conjunto dos sinais de trânsito, mímica etc. constituem tipos de linguagem não-verbal.

LÍNGUA: é um tipo de linguagem; é a única modalidade de linguagem baseado em palavras. O alemão e o Português são línguas diferentes. Língua é a linguagem verbal utilizada por um grupo de indivíduos que constitui uma comunidade.

FALA: é a realização concreta da língua, feita por um indivíduo da comunidade num determinado momento. É um ato individual que cada membro pode efetuar com o uso da linguagem.

NÍVEIS DE LINGUAGEM

A linguagem tem normas, princípios que precisam ser obedecidos. Geralmente, achamos que essas regras dizem respeito apenas à gramática normativa. Para a grande maioria das pessoas, expressar-se corretamente em língua portuguesa significa não cometer erros de ortografia, concordância verbal, acentuação etc. Há, no entanto, outro erro, mais comprometedora do que o gramatical, que é o de inadequação de linguagem ao contexto.

Em casa ou com amigos, nós empregamos uma linguagem mais informal do que nas provas da escola ou em uma entrevista para emprego. Ao conversar com os avós, não convém utilizar algumas gírias, pois eles poderiam ter dificuldades em nos compreender. Numa dissertação solicitada num vestibular ou um concurso público já precisamos empregar um vocabulário mais

formal. Esses fatos nos levam a concluir que existem níveis de linguagem. Vejamos alguns níveis de linguagem:

a) **NÍVEL FORMAL-CULTO OU PADRÃO:** trata-se de uma linguagem mais formal, que segue os princípios da gramática normativa. É empregada na escola, no trabalho, nos jornais e nos livros em geral. Observe este trecho de jornal:

A polêmica não é nova, nem deve extinguir-se tão cedo. Afinal qual a legitimidade e o limite do uso de recursos públicos para salvaguardar a integridade do sistema financeiro? (...)
(Folha de São Paulo, 14 de março de 1996, Editorial)

b) **NÍVEL COLOQUIAL-POPULAR:** é a linguagem empregada no cotidiano. Geralmente é informal, incorpora gírias e expressões populares e não obedece às regras da gramática normativa. Veja estes exemplos:

“Sei lá! Acho que tudo vai ficar legal. Pra que então ficar esquentando muito? Me parece que as coisas no fim sempre dão certo”.

Estou preocupado. (norma culta)

Tô preocupado. (língua popular)

Tô grilado. (gíria, limite da língua popular)

c) **PROFISSIONAL OU TÉCNICO:** é a linguagem que alguns profissionais, como advogados, economistas, médicos, dentistas etc. utilizam no exercício de suas atividades.

d) **ARTÍSTICO OU LITERÁRIO:** é a utilização da linguagem com finalidade expressiva pelos artistas da palavra (poetas e romancistas, por exemplo) alguns gramáticos já incluem este item na linguagem culta ou padrão.

Dominar uma língua, portanto, não significa apenas conhecer normas gramaticais, mas, sobretudo empregar adequadamente essa língua em várias situações do dia-a-dia: na escola, no trabalho, com os amigos, num exame de seleção, no trabalho.

A Variação Lingüística

A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua. Ao trabalhar com o conceito de variação lingüística, estamos pretendendo demonstrar:

- que a língua portuguesa, como todas as línguas do mundo, não se apresenta de maneira uniforme em todo o território brasileiro;
- que a variação lingüística manifesta-se em todos os níveis de funcionamento da linguagem ;
- que a variação da língua se dá em função do emissor e em função do receptor ;
- que diversos fatores, como região, faixa etária, classe social e profissão, são responsáveis pela variação da língua;
- que não há hierarquia entre os usos variados da língua, assim como não há uso lingüisticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade lingüística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. O que determina a escolha de tal ou tal variedade é a situação concreta de comunicação.

- que a possibilidade de variação da língua expressa a variedade cultural existente em qualquer grupo. Basta observar, por exemplo, no Brasil,
- que, dependendo do tipo de colonização a que uma determinada região foi exposta, os reflexos dessa colonização aí estarão presentes de maneira indiscutível.

"Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações.(...) Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção." (Celso Cunha, em Uma política do idioma)

Tipos de variação lingüística

Travaglia (1996), discutindo questões relativas ao ensino da gramática no primeiro e segundo graus, apresenta, com base em Halliday, McIntosh e Stevens (1974), um quadro bastante claro sobre as possibilidades de variação lingüística, chamando a atenção para o fato de que, apesar de reconhecer a existência dessas variedades, a escola continua a privilegiar apenas a norma culta, em detrimento das outras, inclusive daquela que o educando já conhece anteriormente. Existem dois tipos de variedades lingüísticas: os dialetos (variedades que ocorrem em função das pessoas que utilizam a língua, ou seja, os emissores); os registros (variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, as quais dependem do receptor, da mensagem e da situação).

Variação Dialetal

Variação Regional

Variação Social

Variação Etária

Variação Profissional

Variação de Registro

Grau de Formalismo

Modalidade de Uso

Sintonia

Cada pessoa traz em si uma série de características que se traduzem no seu modo de se expressar: a região onde nasceu, o meio social em que foi criada e/ou em que vive, a profissão que exerce, a sua faixa etária, o seu nível de escolaridade. Os exemplos a seguir ilustram esses diferentes tipos de variação.

- a região onde nasceu (variação regional) - aipim, mandioca, macaxeira (para designar a mesma raiz); tu e você (alternância do pronome de tratamento e da forma verbal que o acompanha); vogais pretônicas abertas em algumas regiões do Nordeste; o s chiado carioca e o s sibilado mineiro;

Nesta dimensão, incluem-se as diferenças lingüísticas observadas entre pessoas de regiões distintas, onde se fala a mesma língua. Exemplos claros desta variação são as diferenças encontradas entre os diversos países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola, por exemplo) ou entre regiões do Brasil (região sul, com os falares gaúcho, catarinense, por exemplo, e região nordeste, com os falares baiano, pernambucano, etc.). Nesse tipo de variação, as diferenças mais comuns são as que encontramos no plano fonético (pronúncia, entonação) e no plano lexical (uso de palavras distintas para designar o mesmo referente, palavras com sentidos que variam de uma região para outra).

- o meio social em que foi criada e/ou em que vive; o nível de escolaridade (no caso brasileiro, essas variações estão normalmente inter-relacionadas (**variação social**): substituição do l por r (crube, pranta, prástico); eliminação do d no gerúndio (correndo/correno); troca do a pelo o (saltar do ônibus/soltar do ônibus);
- a profissão que exerce (**variação profissional**): linguagem médica (ter um infarto / fazer um infarto); jargão policial (elemento / pessoa; viatura / camburão);

Sob esse ponto de vista, os dialetos correspondem às variações que existem em função da classe social a que pertencem os indivíduos. Incluem-se neste tipo de variedade lingüística os jargões profissionais (linguagem dos advogados, dos locutores de futebol, dos policiais, etc.) e as gírias, que identificam muitos grupos sociais. Na sociedade, os dialetos sociais podem ter um papel de identificação, pois é através deles que os diferentes grupos se reconhecem e até mesmo se protegem em relação aos demais.

Essa variação pode resultar também da função que o falante desempenha. Em português, um exemplo desse tipo de variação é o plural majestático, o pronome nós usado por autoridades e governantes nas suas frases, manifestando sua posição de representantes do povo.

Exemplo: "Vivemos um grande momento no Brasil e tem que ser o momento do Nordeste do Brasil, porque é aqui que se concentra a pobreza"

(Presidente Fernando Henrique, JB, 25/01/97)

- a faixa etária (**variação etária**) : irado, sinistro (termos usados pelos jovens para elogiar, com conotação positiva, e pelos mais velhos, com conotação negativa).

Essas diferenças correspondem ao uso da língua por pessoas de diferentes faixas etárias, fazendo com que, por exemplo, uma criança apresente uma linguagem diferente da de um jovem, ou de um adulto. Ao longo da vida, as pessoas vão alternando diferentes modos de falar conforme passam de uma faixa etária a outra.

Pelos exemplos apresentados, podemos concluir que há dialetos de dimensão territorial, social/profissional, de idade, de sexo, histórica. Nem todos os autores apresentam a mesma divisão para estas variedades, sobretudo porque elas se superpõem, e seus limites não são bem definidos.

O segundo tipo de variedade que as línguas podem apresentar diz respeito ao uso que se faz da língua em função da situação em que o usuário e o interlocutor estão envolvidos. Para se fazer entender, qualquer pessoa precisa estar em sintonia com o seu interlocutor e isto é facilmente observável na maneira como nos dirigimos, por exemplo, a uma criança, a um colega de trabalho, a uma autoridade. Escolhemos palavras, modos de dizer, para cada uma dessas situações. Tentar adaptar a própria linguagem à do interlocutor já é realizar um ato de comunicação. Pode-se dizer que o nível da linguagem deve se adaptar à situação.

As variações de registro podem ser de três tipos: grau de formalismo, modalidade e sintonia. Cada tipo não aparece isolado, eles se correlacionam.

Grau de formalismo

No seu dia-a-dia, o usuário da língua entra em contacto com diferentes interlocutores e em diferentes situações sociais. Para garantir maior eficácia nessa interação, precisa estar atento ao grau de formalismo de sua linguagem. O grau de formalismo se manifesta em diferentes níveis de construção do enunciado:

• no vocabulário:

"Quero te pedir um grande favor." (mais informal)

"Venho solicitar a V.S. a concessão de auxílio-doença." (mais formal)

- **na sintaxe:**

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

(Oswald de Andrade - Poesias Reunidas)

Modalidade

A expressão lingüística pode se realizar em diferentes modalidades: a escrita e a falada . Vale a pena lembrar algumas diferenças: na língua falada, há entre falante e ouvinte um intercâmbio direto, o que não ocorre com a língua escrita, na qual a comunicação se faz geralmente na ausência de um dos participantes; na fala, as marcas de planejamento do texto não aparecem, porque a produção e a execução se dão de forma simultânea, por isto o texto oral é pontilhado de pausas, interrupções, retomadas, correções, etc.; isto não se observa na escrita, porque o texto se apresenta acabado, houve um tempo para a sua elaboração. É bom lembrar ainda que não se deve associar língua falada a informalidade, nem língua escrita a formalidade, porque tanto em uma quanto em outra modalidade se verificam diferentes graus de formalidade. Podem existir textos muito formais na língua falada e textos completamente informais na língua escrita.

Sintonia

Deve ser entendida como o ajustamento que o falante realiza na estruturação de seus textos, a partir de informações que tem sobre o seu interlocutor. Por exemplo:

- ao falar com o filho ou deixar um bilhete para ele, a mãe usará um registro diferente daquele que usaria com o seu chefe; isso se dá em função do diferente grau de intimidade que mantém com cada um desses interlocutores;
- outro tipo de variação pode ser originada em função dos conhecimentos que o falante supõe que o seu ouvinte tem a respeito de um determinado assunto que será o objeto da comunicação. Desta forma, um especialista em um tema falará de formas diferentes em conversa com outro especialista ou em uma conferência, para pessoas que se interessam por aquele assunto, mas ainda não o dominam;
- diferenças serão observadas em função do grau de dignidade que o falante julga apropriado ao seu interlocutor ou à ocasião, existindo aí uma ampla escala de registros, que vai da blasfêmia ao eufemismo;
- os registros usados por um jovem poderão ser diferentes se ele for falar com sua namorada, com uma pessoa a quem for solicitar um emprego, com uma pessoa idosa;
- da mesma forma, escreverá textos distintos em um bilhete para sua mãe ou em um requerimento dirigido a alguém para solicitar alguma coisa.

Variação Lingüística: do que falamos?

No momento em que alguém se dispõe a discutir o caráter convencional da linguagem escrita, torna-se necessário, antes de mais nada, refletir sobre a variação lingüística como um dos fatores que mais influenciam na apropriação das regras ortográficas. Segundo Camacho (1998), existem quatro modalidades específicas de variações lingüísticas:

1) **Variação histórica** – a língua, no decorrer do tempo, transforma-se juntamente com a sociedade. As gerações mais velhas resistem em manter formas de expressão de prestígio de décadas atrás e as novas gerações procuram novidades, afastando-se dos padrões que regem gerações anteriores, considerando-as ultrapassadas;

2) **Variação geográfica** – explica formas que a língua assume nas diferentes regiões em que é falada;

3) **Variação social** – indivíduos da mesma sociedade podem apresentar formas de expressão diferentes de outros. Nessa variação, percebe-se íntima relação entre linguagem e poder. O nível sócio-econômico, o grau de instrução, a idade e o sexo do indivíduo são fatores que determinam a formação de grupos distintos de atividade verbal dentro de uma classe. Algumas classes sociais dominam uma forma de língua que goza de maior prestígio, enquanto outras são vítimas de preconceito por empregarem formas de língua menos prestigiadas. Nessa ordem, podemos exemplificar o falar rural que é fortemente discriminado e conseqüentemente os seus falantes;

4) **Variação estilística** – acontece quando um mesmo indivíduo emprega diferentes formas de língua, ou seja, o indivíduo se molda à situação que está vivenciando, utilizando uma linguagem mais ou menos formal.

É unânime a concepção de que as línguas não são uniformes, apresentando variações de acordo com o ambiente, a cultura, a época e a classe social a que pertencem os falantes. Nem individualmente é possível afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode empregar diferentes variedades de uma só forma de língua. Tal fenômeno lingüístico ocorre, sobretudo, porque os grupos sociais se subdividem e formam outros grupos menores. A linguagem, portanto, é mais uma maneira de integração e de aceitação dos membros que são incluídos se preencherem os requisitos ali apregoados. É um fato que se dá naturalmente e não uma escolha, o indivíduo incorpora as marcas lingüísticas sobretudo do meio em que vive.

Sendo assim, podemos considerar, de acordo com Travaglia (1996), que os estudos sobre variação lingüística registram pelo menos cinco dimensões de variação dialetal: a territorial, a social, a de idade, a de geração e a de função. Neste sentido, um enfoque importante neste estudo seriam as variações de ordem territorial e social, mais especificamente as variantes estruturais de natureza fonético-fonológica, pois há uma grande tendência teórica em afirmar que grande parte dos erros ortográficos ocorridos na escola resultam da utilização da variação do grupo social no qual o sujeito está inserido.

Segundo Travaglia (1996, p. 42), a variação territorial ou geográfica normalmente acontece pelas influências que cada região sofreu durante a sua formação e pelo fato de os falantes de uma dada região constituírem uma comunidade geograficamente limitada em função de estarem “polarizados em termos políticos e ou econômicos e ou culturais, e desenvolverem um comportamento lingüístico comum que os identifica e distingue”. Este mesmo autor relata que as diferenças entre a língua usada em uma determinada região e outras normalmente são diferenças de plano fonético (pronúncia, entonação, timbre) e no plano léxico, sendo as diferenças de ordem sintática pouco relevantes. Os dialetos usados em dimensão social são os que representam as variações que ocorrem de acordo com a classe social a que pertence o falante, isso porque, de acordo com Travaglia (1996, p. 43), há uma “tendência para maior semelhança entre atos verbais dos membros de um mesmo setor sócio-cultural da comunidade”, em que geralmente ocorrem relações estreitas e interesses comuns.

Ciente de que as línguas não são estáticas e se modificam ao longo do tempo e do espaço, podemos dizer que todas essas variações se estendem a dois códigos distintos: a língua

falada e a língua escrita. Devido a essa multiplicidade lingüística da fala, podemos concluir que a escola desempenha um papel fundamental em orientar os indivíduos para o fato de que não existe o português errado, nem o certo, mas sim uma norma padrão a ser seguida a fim de que o indivíduo tenha êxito na sociedade em que está inserido.

FUNÇÕES DA LINGUAGEM:

Emotiva: enfatiza o emissor, a linguagem é subjetiva, carregada de pronomes eu, me, mim, minha; predominam as sensações, opiniões; reflexões pessoais, a carga emocional. Ex.: "Toda minha primeira infância tem gosto de caju e de pitanga. Hoje tenho 54 anos bem sofridos e bem suados ... "

Referencial: informação que se volta para o próprio contexto, ao referente. Transmite a informação objetiva, sem comentários. É a linguagem do jornalismo, dos noticiários, dos manuais técnicos, das fichas informativas etc. As palavras são usadas no sentido denotativo (próprio, real). Ex.: "Gasolina faz IPC subir nos EUA. Inflação americana dá sinais de estar sob controle apesar da alta de 2,6% do combustível."

Poética: valoriza a comunicação pela forma da mensagem (estética). Há preocupação com a beleza do texto. A linguagem é criativa, afetiva, apresenta ritmo, sonoridade. Ex.: um poema de Mário Quintana.

Poeminha do contra

Todos esses que aí estão Atravancando o meu caminho, Eles passarão
Eu passarinho

Metalingüística: função centrada no código, ou seja, linguagem dos dicionários, enciclopédias, gramáticas. Ex.: "Que é linguagem? É um aspecto da cultura comum a todas as sociedades humanas."

Apelativa ou Conativa: (do latim *conari* -promover, suscitar, provocar estímulos). Dirige-se ao receptor, dele se aproxima para convencê-lo a mudar de comportamento, para alterar condutas já estabelecidas. A função conativa pode ser exortativa ou autoritária (imperativa). Os textos publicitários utilizam mais a vertente exortativa e para maior efeito, apelam para a linguagem poética. Já, os textos jurídicos utilizam-se da vertente autoritária, como nas expressões: "intime-se", "afixe-se e cumpra-se", "arquive-se" e muitas outras.

Ex.: "Vamos embora, a passeata acabou; estão me ouvindo? A passeata acabou."Beba Coca-Cola"

Fática: usa o canal de comunicação para manter contato com o destinatário. O objetivo é prolongar a conversa. A mensagem é truncada, reticente, apresenta excesso de repetições, desejo de compreensão.

Ex.:

- Olá, tudo bem?
- Tudo bem, e você?
- Tudo bem ..levando... levando ...
- É levando .

EXERCÍCIO

TEXTO: CONVERSA AO TELEFONE

- Alô?
- Alô, a Rê táí?
- É ela quem tá falando.
- Oi Rê, aqui é o Fê.
- Oi Fê, como cé tá?
- Tô bem. Eu queria vê se você sabe por onde anda a Tê.
- Sei sim. Ontem mesmo eu a encontrei na festa do Pê.
- Pê, que Pê?
- O mano do Gé, aquele que é chegado na Rô, lembra?
- Mas o Pé não morreu?
- Esse Pê não. Quem morreu foi o Pé da Lú.
- Ah, é mesmo! E por falar nisso como tá a Lú?
- Ela tá bem.
- Ré, se você puder, ligue pra Lú e mande um abraço.

- Mas eu não tenho o telefone dela.
- Pô, Ré, você mentiu pra gente.
- O quê? Você tá me chamando de mentirosa?
- Vê se não enche, Renata!
- Renata? Mas aqui quem tá falando é a Regina.
- Regina? Então foi engano, me desculpe.
- Mas então quem é você?
- Fernando.
- Fernando? Você me desculpe também, pensei que fosse o Ferreira.

(Alexandre Azevedo)

Interpretando o texto.

1. Ao ler o texto acima temos certeza da idade dos interlocutores? Como você os imagina? Justifique

2. Por que houve um engano no final da conversa? Explique com suas palavras.

3. A linguagem usada no texto não é apropriada para a escrita. Transforme os dez primeiros diálogos da linguagem coloquial para a linguagem culta da Língua Portuguesa.

4. Na sua opinião, por que os jovens usam esse tipo de linguagem? Justifique com coerência.

5. Ao procurar um emprego, que linguagem deve ser usada? Dê exemplos que justifiquem sua resposta.

Leia os textos abaixo com muita atenção:

a) **Assalto ao idioma alheio**

Preocupada com o atual estado *outdate* no qual a minha empresa se encontra, estive pensando seriamente em melhorar a *performance* dos meus funcionários com *advanced courses* promovidos *on the job*. Antes de mais nada, precisarei estabelecer um *set* de condições para o desenvolvimento das atividades de *training learning*'

(Revista Exame)

b) **Conversa na fila**

Conversavam, na longa fila do cinema:

- E o seu caso com a Belmira?
- Encerrado, depois de um incidente *orifálico*. Observei-lhe que não ficava bem ir à praia de tanga, quando ainda emergia daquele problema de *cirsôrifalo*. - E ela?
- Não gostou, e rompemos. Nossa ligação teve um fim *celíaco*. E você com a Isadora?
- Mal, meu caro. Sabia que ela é *hipnóbata*? E o pior de tudo: com *loxodromismo*. De noite é aquela confusão no apartamento: batidas nos móveis, objetos quebrados, e ela volta com *acrodinia*, com *meralgia* ou com *podalgia*.
- Que lástima!

(Carlos Drummond de Andrade)

1. Em relação ao texto "Assalto ao idioma alheio", você concorda com a invasão de palavras estrangeiras em nossa língua? Por quê?

2. Tente substituir as palavras estrangeiras do texto por uma equivalente na Língua Portuguesa.

3. Qual foi a sensação que você teve ao ler o texto "Conversa na fila"? Explique.

4. Qual o objetivo do autor ao utilizar palavras de nossa língua pouco ou nada conhecidas pela maioria das pessoas?

TEXTO: O LIVRO

Tenho amigos como ninguém os tem melhores. Moram em minha casa, mas ocupam pouco espaço. Estão todos no escritório, e de lá não saem se eu não quero que saiam. Nunca são importunos. Não pedem coisa alguma e assim nenhum incômodo me dão. Quando quero que falem, falam; mas só fala um de cada vez. Quando estou triste me divertem com histórias alegres. Quando estou bem disposto, e quero passar o tempo fazem-me narrações de viagens interessantes; informam-me da história dos diversos povos; falam-me de animais, de plantas, de mil coisas diversas. Respondem a tudo quanto lhes pergunto, sem precipitação, com calma, de modo que eu fique sabendo bem. E, quando um não sabe, pergunto a outro, raras vezes fico sem resposta. Depois que saí da escola, foram eles que me ensinaram quase tudo o que eu tenho aprendido. Nunca se cansam de falar e nunca falam demais.

São amigos leais, incapazes de uma traição. Para gozar dos imensos benefícios que me prestam, só preciso de uma coisa - amá-los. Se não os amasse, estou certo de que não lhes ouviria nem mais uma palavra. Seriam como estátuas de mármore que só serviriam para enfeitar a casa.

1. Qual a idéia central do texto "O livro". Você concorda com o autor a respeito da importância do livro? Justifique sua resposta.

2. Os três primeiros textos apresentam problemas de comunicação, aquilo que chamamos de entraves da língua. Porque o texto "O livro" não pode fazer parte desse grupo? Explique com coerência.

3. Na sua opinião, o que é necessário para falar e escrever corretamente? O uso de palavras difíceis ou de estrangeirismos faz com que um texto fique mais rico? Justifique.

4. Se você pudesse escolher ser o autor(a) de um dos textos, qual deles você escolheria? Por

quê?

5. Faça a relação entre os quatro textos. O que eles têm em comum? O que o último texto apresenta a mais que os outros?

6. Retire do texto "Conversa ao telefone" "uma oração que dê a idéia de certeza. Explique o porquê.

7. "Se não os amasse, ... não ouviria nenhuma palavra". Qual a correlação verbal entre "amasse" e "ouviria"? Explique com suas palavras.

8. Substitua os verbos acima pelos verbos ver e falar. Reescreva a oração, usando os verbos pedidos.

9. "Tenho amigos como ninguém ... ", é uma oração que transmite a idéia de certeza. Faça com que esta mesma oração dê a idéia de dúvida.

Pesquisar sobre as várias linguagens da atualidade.

Sugestões:

Surdos-Mudos

Cegos

Prisão

Internet

Skatista

GLS

Office-boys

Etc.

5. As informações implícitas (pressuposto e subentendido);

Observe o quadrinho a seguir:



1. Qual é a informação óbvia contida no primeiro quadrinho?

O marido parar de beber. O verbo “parou” (explícito no enunciado de Helga) marca a informação implícita de que ele bebia antes.

2. O que se pode concluir a respeito do marido de Irma a partir da leitura do segundo quadrinho?

Conclui-se que ele (o marido) parou de beber porque morreu. Informação implícita marcada na palavra “enterro”.

Podemos dizer que nesse texto há informações explícitas e implícitas. Logo, para realizar uma leitura eficiente, o leitor deve captar tanto os dados explícitos quanto os implícitos. Esses últimos são os pressupostos e os subentendidos.

Pressuposto: circunstância ou fato considerado como antecedente necessário de outro. É um dado posto como indiscutível para o falante ou ouvinte, não é para ser contestado.

Os pressupostos são marcados, nos enunciados, por meio de vários indicadores lingüísticos, dentre eles podemos citar como exemplo:

- Certos advérbios como, por exemplo, ainda, já, agora. Exemplo: Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram. (Pressupõe-se que os resultados já deveriam ter chegado ou que os resultados vão chegar mais tarde)
- Verbos que indicam mudança ou permanência de estado, como ficar, começar a, passar a, deixar de, continuar, permanecer, tornar-se, etc... Exemplo: Maria **continua** triste. (Pressupõe-se que Maria estava triste antes do momento da enunciação).
- Certos conectores circunstanciais, especialmente quando a oração por eles introduzida vem anteposta. Ex.: desde que, antes que, depois que, visto que, etc.

Exemplo:

1. **Desde que** Ricardo casou, não cumprimenta mais as amigas. (Pressupõe-se que Ricardo cumprimentava as amigas antes de se casar).

2. Pedro deixou de fumar.

Idéia explícita: agora, Pedro não fuma.

Idéia implícita ou pressuposto: antes, Pedro fumava (informação transmitida pelo verbo “deixar”)

Leia o quadrinho a seguir:



1. O que se pode concluir da fala de Helga no primeiro quadrinho?

Um homem para ser “grande” precisa do apoio da mulher.

2. O que se subentende do diálogo das duas personagens no último quadrinho?

Hagar não é um grande homem.

Subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação.

O subentendido difere do pressuposto num aspecto importante: ele é de responsabilidade do ouvinte, pois o falante, ao subentender, esconde-se por trás do sentido literal das

palavras e pode dizer que não estava querendo dizer o que o ouvinte depreendeu. Logo, o subentendido, muitas vezes, serve para o falante se proteger diante de uma informação que quer transmitir para o ouvinte sem se comprometer com ela.

- Implícito: é algo que está envolvido naquele contexto, mas não é revelado, é deixado subentendido, é apenas sugerido.
- Quando lidamos com uma informação que não foi dita, mas tudo que é dito nos leva a identificá-la, estamos diante de algo implícito.
- A compreensão de implícitos é essencial para se garantir um bom nível de leitura.

Portanto,

- Há textos em que nem tudo o que importa para a interpretação está registrado.
- O que não foi escrito deve ser levado em consideração para que se possa verdadeiramente interpretar um texto.

Exercícios: 1. As tiras abaixo apresentam pressupostos ou subentendidos? Justifique sua resposta





2. Leia com atenção os dois segmentos que vêm a seguir: (Platão e Fiorin)

- a. Os latifúndios que são improdutivos estarão sujeitos à desapropriação.
- b. Os latifúndios, que são improdutivos, estarão sujeitos à desapropriação.

Os dois trechos acima não possuem o mesmo significado, pois contêm pressupostos diferentes. Supondo que existam apenas essas duas opções para incluir num projeto de reforma agrária.

Responda:

- a. Qual delas contaria com o apoio dos latifundiários?

- b. Qual seria apoiada pelos sem-terra? Explique sua resposta.

3. Observe o noticiário que segue:

- a. Foi posto em liberdade, hoje, o maníaco do estilete, que tem espalhado pânico nas ruas de Pinheiros.
- b. Por causa da greve do poder judiciário, prescreveu, hoje, o prazo de reclusão de criminosos detidos há mais de trinta dias. '

As duas notícias, postas lado a lado, induzem a um subentendido. De que subentendido se trata?

6. OS PROCEDIMENTOS ARGUMENTATIVOS EM UM TEXTO

Mas o que é argumentar?

Argumentar é oferecer razões para sustentar um ponto de vista, teste, ou conclusão. Argumentar é diferente de discutir, na medida em que a argumentação visa a convencer o adversário e não eliminá-lo. O objetivo de todo o discurso argumentativo é modificar o comportamento do auditório, ou seja, provocar uma atitude ou crenças novas ou alterar atitudes ou crenças existentes.

O processo argumentativo consiste essencialmente em duas atividades: **persuasão** e **refutação**.

- **Persuadir** é propor um ponto de vista ou posição e argumentar a favor dela, propondo razões que se julgam pertinentes.
- **Refutar** é atacar os argumentos do opositor. Consiste em apresentar contra-argumentos.

Logo, diz-se que argumentar

... é a arte de convencer e persuadir. Convencer é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando. (...) Persuadir é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro. (...) Mas em que convencer se diferencia de persuadir? Convencer é construir algo no campo das idéias. Quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. (ABREU, Antônio Suárez. **A Arte de Argumentar: gerenciando razão e emoção**. Cotia: Atelele Editorial, 2004, p. 25).

Diversos são os recursos argumentativos que podem ser utilizados para fundamentar uma opinião. O importante mesmo é a forma como o argumento é apresentado, pois precisa ser **CONSISTENTE**, passando para o leitor um valor de verdade.

Vamos conhecer, por meio de exemplos, alguns tipos de argumentos

1. **Argumento de autoridade:** citações de autores renomados, autoridades num certo domínio do saber, numa área de atividade humana, para corroborar uma tese, um ponto de vista. No entanto, devemos tomar cuidado com citações descosturadas, sem relação com o tema, feitas pela metade, mal compreendidas.

Exemplos:

- a) Toda atitude racista deve ser denunciada e combatida, posto que fere um dos princípios fundamentais da Constituição brasileira. (BARBOSA, Jacqueline P. *Ensino Médio em Rede – Sequência didática – Artigo de opinião*. Apostila impressa. s/d)
 - b) Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), cerca de 1 bilhão de pessoas não possuem um trabalho que seja capaz de suprir suas necessidades básicas de alimentação.
2. **Argumentos baseados no consenso:** argumentos de valor universal, aqueles que são irrefutáveis, com os quais conquistamos a adesão incontida dos leitores. Se você diz, por exemplo, que sem resolver os problemas da família não se resolvem os das crianças de rua, vai ser difícil alguém contradizê-lo. Trata-se de um argumento forte.

Exemplos:

- a) A educação é a base do desenvolvimento. Os investimentos em pesquisa são indispensáveis para que um país supere sua condição de dependência.
- b) Toda criança tem direito à alimentação e ao estudo.

ATENÇÃO: Não devemos confundir tais argumentos com “lugares-comuns”, carentes de base científica, de validade discutível. Além disso, é preciso muito cuidado para distinguir entre uma

idéia que não mais necessita de demonstração e a enunciação de preconceitos do tipo: “o brasileiro é indolente”, “a Aids é um castigo de Deus”, “só o amor constrói”.

3. **Argumentos por ilustração e/ou exemplificação:** argumentos que se fazem necessários quando a idéia a ser defendida carece de esclarecimentos com dados práticos da realidade. Nesse caso, ilustra-se uma situação, um problema, um assunto, ou usam-se exemplos pertinentes a idéia exposta.

Exemplos:

- a) Nos países que passaram a ter a pena de morte prevista no código penal – os Estados Unidos são um exemplo disso – não houve uma diminuição significativa do índice de criminalidade. Donde podemos concluir que a existência legal da pena de morte não inibe a criminalidade. (BARBOSA, Jacqueline P. *Ensino Médio em Rede – Seqüência didática – Artigo de opinião*. Apostila impressa. s/d)
- b) Exemplos, como estudos feitos na UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense), mostram que não há diferenças significativas entre alunos cotistas e não cotista. Já estudos feitos na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) demonstram que alguns desses alunos cotistas apresentam defasagens, mas concluem que não se trata de nenhuma grande dificuldade que algumas medidas como a oferta de cursos de apoio ou melhor infraestrutura de bibliotecas e mais laboratórios de informática não possam sanar. (Idem)
4. **Argumentos baseados nas relações de causa e consequência:** uma argumentação convincente e bem fundamentada pode ser obtida através das relações de causa e consequência, em que são apontados os aspectos que levaram ao problema discutido e suas decorrências.

Exemplos:

- a) A incompetência do Estado em administrar os seus presídios, onde, além da superlotação, reinam a corrupção, tráfico de drogas, promiscuidade, falta de higiene e condições mínimas para que um condenado não se esqueça de que é humano, é a causa principal que leva o criminoso a provocar incêndios, matar seguranças e possíveis companheiros delatores e ganhar a liberdade ilegal.
- b) A redução dos impostos sobre o preço dos carros – IPI e ICMS – é uma medida que pode ajudar a combater o desemprego, pois, reduzindo o preço, as vendas tendem a crescer, o que provoca um aumento da produção, o que por sua vez garante os empregos. (Idem)

Observação: cuidado com tautologias como: “o fumo faz mal à saúde porque prejudica o organismo”; “esta criança é mal-educada porque os pais não lhe deram educação”.

5. **Argumentos baseados em provas concretas:** expediente lingüístico efficientíssimo, pois se trata realmente de uma prova concreta para reforçar a tese que se defende. Aparece na forma de dados estatísticos, leis, fatos do conhecimento geral. As informações têm de ser exatas, pois não conseguimos convencer ninguém com informações falsas, que não têm respaldo na realidade.

Exemplos:

- a) A administração Fleury foi ruínoza para o Estado de São Paulo, porque deixou dívidas, junto ao Banespa, de 8,5 bilhões de dólares, porque deixou de pagar aos fornecedores, porque acumulou dívidas de bilhões de dólares, porque inchou a folha de pagamento do estado de São Paulo com nomeações de afilhados políticos, etc. (em Platão e Fiorin. Lições de texto)
- b) Todo mundo conhece a grandeza dos problemas que a China enfrenta para alimentar, vestir e abrigar 1,3 bilhão de habitantes. A revista *The Economist* mostra que, além das dificuldades para garantir a oferta de comida, vestuário e habitação, a China está enfrentando um novo tipo de escassez: a escassez de nomes.
- c) É isso mesmo. Estão faltando nomes e sobrenomes para atender a enorme demanda chinesa nesse campo. Assim é que os cinco sobrenomes mais comuns – Li, Wang, Zhang, Liu e Chen – são usados por nada mais nada menos do que 350 milhões de pessoas. Só os

que têm o sobrenome Li chegam a 87 milhões, ou seja, quase da metade da população brasileira. (em “A dança dos nomes”, Antonio Ermírio de Moraes).

Argumentação e dissertação

Quando as pessoas não sabem falar ou escrever adequadamente sua língua, surgem homens decididos a falar e escrever por elas e não para elas. (Wendel Johnson)

Primeiramente, é preciso ficar claro que não acreditamos que haja texto dissertativo que não seja argumentativo, daí a classificação. A dissertação, a nosso ver, está mais relacionada à forma (que ao conteúdo) de um texto, que compreende as seguintes partes: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Já a argumentação está mais ligada ao conteúdo e pode apresentar-se em outras formas (como a narração ou a descrição). Esse é o tipo de texto que revela a intenção do sujeito de convencer e/ou persuadir “o outro” sobre a validade de uma tese, que compreende uma proposição (idéia proposta) a ser defendida no desenvolvimento do texto.

Para tanto, Emediato (2004) sugere uma estrutura básica, que é constituída de:

- 1) Afirmação (tese, proposição);
- 2) posicionamento: que pode demonstrar concordância ou discordância com uma tese já existente;
- 3) quadro de problematização: situa a argumentação em uma perspectiva (social, econômica, política, ideológica, religiosa, etc.), direcionando o discurso do sujeito;
- 4) formulação de argumentos: provas, raciocínio lógico, justificativas ou explicações que dêem sustentação à tese;
- 5) conclusão: resultado que se pretende com a defesa da tese pelos argumentos apresentados e sua pertinência e adequação ao quadro de problematização.

Os argumentos podem ser divididos em dois grupos: os que são utilizados para persuadir e os que servem para convencer. O primeiro grupo corresponde ao que o autor Emediato denomina **argumentação retórica**, que se apóia em valores, crenças e lugares comuns, ao passo que o segundo apóia-se em fatos e verdades e é denominado **argumentação demonstrativa** pelo autor.

Um texto argumentativo normalmente é composto dos dois tipos de argumento, os quais o produtor do texto deve associá-los na busca da defesa de sua tese, tornando seu texto coerente. No entanto, dependendo do tipo de texto a ser produzido, pode haver predominância de um tipo sobre o outro. Para essa relação, Emediato (2004, p. 169) propõe o seguinte quadro:

ARGUMENTAÇÃO DEMONSTRATIVA	ARGUMENTAÇÃO RETÓRICA
Textos acadêmicos	Textos publicitários e de marketing
Textos científicos	Textos político-eleitorais
Textos jornalísticos informativos objetivos	Textos religiosos e de intenção moral
Textos técnicos	Textos de opinião

Para termos idéia de alguns desses procedimentos argumentativos, vamos ler um fragmento de um dos sermões de Padre Antônio Vieira, no qual ele tenta explicitar certos recursos que o pregador deve usar para que o sermão cumpra o papel de persuasão ou convencimento.

(...) O sermão há de ser duma só cor. Há de ter um só objeto, um só assunto. Uma só matéria.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper has a slight shadow on the right side, suggesting it's resting on a surface.

d) O atual governo da República

[illegible]

7. O artigo de opinião e o texto crítico (resenha), enquanto gêneros discursivos.

Para aprofundar seus estudos consulte:

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristovão. *Prática de texto para estudantes universitários*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2003. (Capítulo 8, 9, 11 e 13).

BARBOSA, Jacqueline P. *Ensino Médio em Rede – Seqüência didática – Artigo de opinião*. Apostila impressa. s/d

Por que estudar o artigo de opinião?

Artigos de opinião publicados em jornais, revistas, sites discutem questões polêmicas que afetam um grande número de pessoas. Além de exigir o uso da argumentação, supõem a discussão de problemas que envolvem a coletividade. Compreender artigos de opinião, portanto, é uma forma de estar no mundo de um modo mais inteiro, menos passivo, menos alienado.

Entender o ponto de vista do outro e dialogar com ele, concordando ou discordando, defender as próprias opiniões de forma sólida e convincente nos torna sujeitos da nossa própria história.

Inicialmente, é necessário saber qual deve ser o conteúdo de um artigo de opinião. Observe as afirmações abaixo:

- A Terra gira em torno do Sol.
- A bactéria é um ser vivo.
- O filme Cidade de Deus concorreu ao Oscar de melhor filme estrangeiro, mas não ganhou.
- O governo federal encaminhou ao Congresso Nacional projeto de lei que estabelece novos critérios de acesso ao ensino universitário.

Veja que as duas afirmativas iniciais são verdades científicas, portanto não cabe contestá-las ou argumentar a favor ou contra. Já as outras duas dão conta de fatos ocorridos, diante dos quais também não cabe nenhum tipo de contestação. Assim, nos quatro exemplos temos fatos que não podem ser refutados. Entretanto, em relação aos últimos dois fatos, podemos considerar: foi justo ou injusto o Brasil ter perdido o Oscar? O projeto encaminhado pelo governo é equivocado (ou necessário)? Diante dessas perguntas cabem contestações, refutações, opiniões diferentes. São afirmações que não dizem respeito a fatos inquestionáveis, mas sim **opiniões**. Em matérias de opinião, como cada um tem a sua, só é possível argumentar, sustentando sua posição com argumentos que são razões, evidências, provas, dados, etc.

Se a questão apresenta abertura para posicionamentos diferentes é porque ela é uma questão controversa ou polêmica, certo? Há questões controversas que afetam um grande número de pessoas e há algumas que são particulares, pois interessam apenas a um número reduzido de pessoas. Estas dificilmente se tornariam tema de um artigo de opinião de um jornal; já, aquelas são o tema principal dos artigos de opinião que circulam em jornais e

revistas, pois seus assuntos podem incidir sobre temas políticos, sociais, científicos e culturais, de interesse geral e atual. Normalmente essas questões surgem a partir de algum fato acontecido e noticiado.

Veja algumas questões controversas discutidas atualmente:

- A descriminalização do aborto.
- A restrição da propaganda de bebidas alcoólicas no Brasil.
- A maioria penal deve ser reduzida?

São várias as formas de estruturar um artigo de opinião. Mas, em geral, os artigos de opinião contêm os seguintes elementos, de acordo com Barbosa (s/d):

- 1) Contextualização e/ou apresentação da questão em discussão.
- 2) Explicitação da posição assumida.
- 3) Utilização de argumentos que sustentam a posição assumida.
- 4) Consideração de posição contrária e antecipação de possíveis argumentos contrários à posição assumida.
- 5) Utilização de argumentos que refutam a posição contrária.
- 6) Retomada da posição assumida e/ou retomada do argumento mais enfático.
- 7) Proposta ou possibilidades de negociação.
- 8) Conclusão (que pode ser a retomada da tese ou posição defendida).

Observe que esses elementos podem vir em qualquer ordem e nem todos precisam aparecer num artigo de opinião.

Veja como essa estruturação é feita analisando o artigo de opinião abaixo:

Pela descriminalização do aborto

Kennedy Alencar. Folha Online, Pensata. 11/05/2007

(1) "Ninguém é a favor do aborto. A pergunta é: a mulher deve ser presa? Deve morrer?" A declaração é do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Defensiva, retrata como é difícil debater a descriminalização do aborto até 12 semanas de gestação (há um projeto em tramitação no Congresso). Pertinente, traz indagações que merecem discussão.

(2) Lula tem razão quando diz que ninguém é a favor do aborto. Colocar a discussão nesses termos é transformar num Fla-Flu um grave problema de saúde pública que atinge sobretudo os mais pobres. É simplificar nuances legais, morais, éticas, religiosas.

(3) Segundo dados do Ministério da Saúde, 220 mil mulheres procuram hospitais públicos por ano para tratar de seqüelas de abortos clandestinos. Há estimativas extra-oficiais de que sejam realizados mais de um 1 milhão de abortos por ano no Brasil.

(4) De 1941, a lei brasileira só permite a interrupção da gravidez em dois casos: se resultado

de estupro e na hipótese de risco à vida da mãe. Fora disso, é crime. A pena pode chegar a três anos de prisão.

(5) Os ministros José Gomes Temporão (Saúde) e Nilcéa Freire (Políticas para as Mulheres) defendem a discussão e a eventual aprovação no Congresso da legalização do aborto até 12 semanas de gestação --período até o qual, segundo cientistas, não há relação entre os neurônios.

(6) Juridicamente, a morte cerebral é entendida como o fim da vida. Os defensores da legalização do aborto até 12 semanas, por analogia, argumentam que a vida começaria com a atividade cerebral. Daí a proposta desse prazo-limite, já adotado em países que legalizaram a interrupção da gravidez.

(7) Para o Vaticano e outro grupo de cientistas, a vida começa na concepção (fecundação do óvulo pelo espermatozóide). E essa vida dura até seu declínio natural. O papa, portanto, não admite aborto, inclusive nos casos previstos na lei brasileira. E também é contra a eutanásia.

(8) A Igreja Católica, o papa Bento 16 e qualquer cidadão contrário ao aborto têm o direito de defender seus pontos de vista e de lutar para que a legislação os contemple. As pessoas que desejam a legalização do aborto até 12 semanas de gestação também.

(9) Nenhuma das partes possui o direito de impor à outra o seu desejo. Numa democracia laica, essa decisão cabe ao conjunto da sociedade e aos legisladores _respeitando-se, sempre, o direito das minorias.

(10) Mais: não será a legalização (ou descriminalização) do aborto até 12 semanas que obrigará as seguidoras de Bento 16 a interromper a gravidez. Não parece razoável supor que o número de abortos vá aumentar ou diminuir em função dessa eventual alteração da lei.

(11) Pesquisa Datafolha realizada em março mostrou que 65% dos entrevistados não desejam mudar a atual legislação do aborto. Ou seja, é mínima a chance de modificação via plebiscito. Ao longo do debate, talvez possa haver alteração desse quadro, mas não é o provável.

(12) Seria possível, entretanto, mostrar que a ciência avançou a ponto de poder, por exemplo, detectar uma má-formação do feto que inviabilize a sua vida fora do útero. Nessa hipótese, é justo impor a gestação à mulher? Enfim, um plebiscito daria pelo menos a chance de a população ficar mais esclarecida.

(13) Mas Bento 16 e a Igreja Católica não aceitam plebiscito. Acusam os defensores da descriminalização do aborto de serem defensores da morte. Dizem que são a favor da vida e ponto, despejando dogmas com cartesianismo fundamentalista.

(14) Ora, interdição de debate não dá. Tampouco pressão política sobre o governo e o Congresso na base de ameaça de excomunhão.

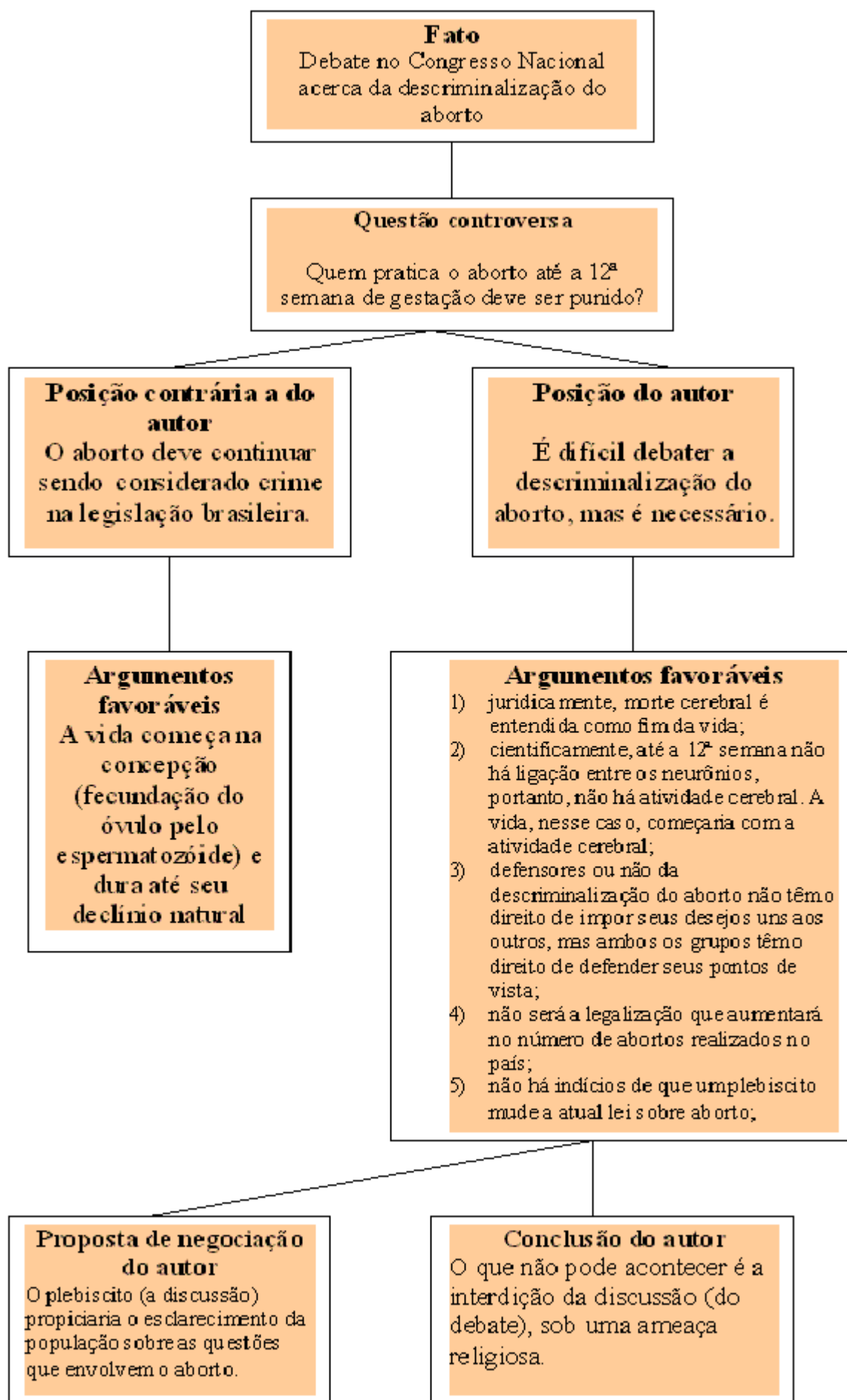
Podemos realizar uma leitura possível de um artigo de opinião utilizando a própria estrutura do texto, enunciada acima.

Vejamos como a estrutura proposta se revela no artigo em questão:

- 1) Nos parágrafos de 1 a 4 o autor apresenta a questão a ser discutida e contextualiza o tema em discussão, no cenário brasileiro;
- 2) Nos parágrafos 5 e 6, o autor explicita sua posição e argumenta a favor dela, utilizando o argumento de autoridade científica e jurídica;
- 3) No parágrafo 7, o autor considera a posição contrária à sua;
- 4) Nos parágrafos 8 a 10, o autor antecipa possíveis argumentos contrários à sua posição;
- 5) No parágrafo 12, o autor retoma sua posição;
- 6) No parágrafo 13, o autor propõe uma negociação e,
- 7) No parágrafo 14, ele retomada a tese (a dificuldade do debate sobre a descriminalização do aborto) e conclui.

Dissemos anteriormente que todo artigo de opinião discute uma questão polêmica de interesse da coletividade, a partir de um fato. Para tanto seu autor aponta a tese que defenderá e utiliza argumentos que a defendam; aponta a posição contrária à sua tese e argumentos dessa posição e a seguir refuta tal posição. Em seguida, sugere uma negociação, um acordo que mantenha sua tese e conclui afirmando sua posição inicial. Leia com atenção o quadro abaixo e observe como funciona. Lembre-se nem todas essas partes aparecem em todos os artigos de opinião. Esse é um modelo geral.

Considerando o artigo de opinião postado no conteúdo anterior, veja como ficaria a leitura dele no quadro a seguir:



Resenha e Resumo

Para aprofundar seus estudos você pode consultar a bibliografia a seguir:

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristovão. *Prática de texto para estudantes universitários*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2003. (Capítulo 8, 9, 11 e 13)

MARTINS, Ronaldo. *Resenha: o que é e como se faz*. Disponível em <http://www.ronaldomartins.pro.br/materiais/resenha.htm> Acesso em 25 de mai. 2007.

Mas o que é mesmo uma resenha?

É uma redação composta de um resumo crítico que permite comentários, opiniões, comparação ou analogias com outras obras da mesma área e até de uma avaliação da relevância da obra lida, com outras do mesmo gênero. (MACHADO, 2004).

Fazem-se resenhas de textos ou outras obras, e não de temas. Logo, se o professor pede uma resenha de um texto, ele não espera que você faça uma análise e emita uma opinião sobre o tema do texto.

De acordo com o professor Ronaldo Martins: **Nas resenhas há mesmo um resumo do texto, em que você recupera as idéias centrais do autor. Mas não confunda: resenha não é resumo; o resumo é apenas uma parte da resenha, que tem pelo menos duas outras partes: a parte da análise do texto e a parte do julgamento do texto.**

Um gênero textual que, como qualquer outro, apresenta algumas exigências quanto à sua forma e ao seu conteúdo.

Quais são as exigências quanto ao conteúdo?

- Toda resenha deve conter uma síntese, um resumo do texto resenhado, com a apresentação das principais idéias do autor;
- Toda resenha deve conter uma análise aprofundada de pelo menos um ponto relevante do texto, escolhido pelo resenhista;
- Toda resenha deve conter um julgamento do texto, feito a partir da análise empreendida no item b). (MARTINS, Ronaldo).

E quanto à forma, como deve ser uma resenha?

- A resenha deve ser pequena, ocupando geralmente até três laudas de papel A4 com espaçamento duplo;
- A resenha é um texto corrido, isto é, não devem ser feitas separações físicas entre as partes da resenha (com a subdivisão do texto em resumo, análise e julgamento, por exemplo);
- A resenha deve sempre indicar a obra que está sendo resenhada. (MARTINS, Ronaldo).

Tipos de resenha

Há pelo menos dois tipos de resenha: **a resenha crítica** (também conhecida como opinativa) e **a resenha descritiva** (também chamada técnica ou científica).

Resenha descritiva, técnica, científica – seu objetivo é julgar o valor a verdade das idéias do autor, investigar a consistência de seus argumentos e pertinência de suas conclusões.

Resenha crítica, opinativa – seu objetivo é julgar o valor do texto, a sua beleza a sua relevância.

O que as diferencia? Basicamente o tipo de julgamento que se faz. Esses julgamentos são muito próximos, portanto, para saber diferenciá-los leia com atenção o trecho a seguir com

algumas orientações:

Considere um texto literário, um conto de Machado de Assis (*O Alienista*) que procura discutir a idéia de loucura no final do século XIX, por exemplo. Há duas formas de julgar esse texto: (1) avaliar o seu valor literário, dizer se o texto é bom ou ruim, se foi ou não bem escrito; e (2) avaliar a pertinência das idéias do autor, a sua clareza, a sua consistência, se as idéias de fato são verdadeiras, se de fato são aplicáveis àquilo que o autor pretende. No primeiro caso, estaríamos diante de uma resenha crítica. É mais ou menos o que acontece sempre que é lançado um novo romance, um novo filme, um novo disco. Há sempre alguém (um resenhista) que ocupa um espaço nos jornais para fazer a apreciação da nova obra. Procure nos jornais (geralmente no caderno de cultura) e perceba: faz-se um resumo da obra (do enredo do livro ou do filme, das músicas que compõem o CD), elegem-se alguns pontos para análise (a qualidade da escrita, a atuação de uma atriz, os arranjos de uma música), e julga-se a obra (classificando-a em excelente, boa, regular, ruim, péssima, e recomendando-a ou não ao leitor, através das carinhas (que ora sorriem, ora dormem), do bonequinho (que ora aplaude, ora abandona o cinema no meio da sessão), ou de qualquer outro indicador de qualidade). No caso do texto de Machado de Assis, diríamos então que se trata de um texto bom, bem escrito, interessante, que vale a pena ser lido, e colocaríamos um bonequinho aplaudindo. E teríamos feito uma resenha crítica.

Imagine agora que procedêssemos à segunda forma de julgamento, que avaliássemos a pertinência das idéias do autor, e não a qualidade do texto. Não se trata mais de dizer se o texto é bom ou ruim, se é bem escrito ou não, se merece uma carinha sorrindo ou um bonequinho deixando a sessão. A questão aqui é outra. Deveríamos discutir se as idéias do autor são ou não são válidas. Discutiríamos, por exemplo, se o que se passa com a personagem principal é ou não verossímil, se o autor foi ou não foi fiel às instituições que pretendia retratar, se as conclusões que o autor retira do episódio são ou não pertinentes. Faríamos, enfim, um julgamento de verdade do texto: se o texto é verdadeiro (no sentido de conter uma verdade) ou não. Este tipo de resenha é menos comum nos jornais, e está geralmente restrito às publicações mais técnicas. Quando alguém divulga os resultados de uma pesquisa, por exemplo, há sempre alguém que comenta os resultados atingidos: se a metodologia foi correta ou não, se os resultados são ou não são confiáveis, se a pesquisa é ou não relevante. Esta é basicamente a tarefa de uma resenha descritiva. No caso de *O Alienista* poderíamos discutir, por exemplo, se a situação dos asilos, como o descrito por Machado, era realmente aquela, ou se o autor faz uma descrição grosseira, fora da realidade. Ou poderíamos discutir se os médicos eram efetivamente dotados da autoridade de internar toda a cidade, como supõe Machado de Assis no texto.

Perceba as diferenças entre as duas propostas. O mesmo texto (de Machado de Assis) poderia conduzir a uma resenha crítica positiva (que julga a qualidade do texto) e a uma resenha descritiva negativa (que julga a verdade do texto). No primeiro caso, reconhece-se que é um

bom texto, agradável de ler, instigante, prazeroso. No segundo caso, admite-se que o texto não é fundamentado, que apresenta uma visão apenas caricatural da loucura no século XIX. Um não compromete o outro, e são duas coisas diferentes. (MARTINS, Ronaldo).

Como fazer uma resenha?

Seguem algumas dicas para você fazer uma resenha descritiva de um texto escrito:

- 1) Leia o texto que serve de ponto de partida para a resenha. É o primeiro passo e o fundamental. A qualidade da sua resenha depende, em grande medida, da qualidade da leitura que você fizer desse texto. Se necessário, leia mais de uma vez. É bom ler atentamente: capa, orelha, quarta capa, indicações bibliográficas e, principalmente, não pular o prefácio. Todas as informações que você encontrar podem ser úteis para que compreender melhor o texto.
- 2) Enquanto você lê o conteúdo do livro propriamente dito, anote suas reações e impressões (gostei, não gostei, isto não me parece claro, isto tem a ver com o item tal do nosso programa de curso, já li sobre isto em outro livro, será?, concordo, não concordo, etc) e questões provocadas pela sua leitura. Tente também localizar o assunto e o objetivo da publicação, seu público-alvo, as idéias principais e os argumentos usados para defendê-las, a conclusão a que o autor chegou.
- 3) Faça um resumo do texto. Selecione as idéias principais do autor do texto e monte um outro texto, seu. Mas cuidado: resumo não é cópia de alguns trechos do texto, com as palavras do autor. Resumo é um outro texto, um texto seu, em que você diz o que entendeu do texto, e quais são as idéias principais do autor.
- 4) Eleja uma entre as principais idéias do texto. Todo texto contém várias idéias, que estão postas em uma hierarquia. Há idéias principais e há idéias secundárias, periféricas. Eleja uma idéia principal.
- 5) Analise a idéia escolhida. Procure traçar quais são os seus pressupostos, o que o autor pressupõe para formular essa idéia. Procure traçar também as suas implicações, as conseqüências que se pode retirar dessa idéia. Verifique quais as relações que a idéia estabelece no texto, com quais outras idéias ela dialoga.
- 6) Emita um julgamento de verdade a respeito dessa idéia. Ela é verdadeira ou não? Se é verdadeira, por quê? Se é falsa, por quê? Procure responder a essas perguntas com outros argumentos que não os usados pelo autor do texto. É crucial que o julgamento seja "seu", e não uma mera reprodução do que o autor pensa.
- 7) Faça tudo isso antes de começar a redigir o texto. Use um rascunho, se necessário. Apenas depois de resolvidos os passos de 1 a 5 é que você estará pronto para escrever o texto, e decidir sobre a sua organização. Não há ordem predeterminada: você pode começar o texto pela sua conclusão, e depois explicá-la para o leitor (através da análise) e terminar por uma apreciação mais genérica do texto (o resumo); ou você pode começar pelo resumo, passar à análise e, em seguida, ao julgamento; ou você pode misturar as três coisas. É você que decide.
- 8) Reescreva, reescreva e reescreva. Idealmente, peça a alguém que faça às vezes de resenhista de seu texto e aponte o que tem de bom e o que necessitaria de revisão. Não se descuide de aspectos de ordem formal: ortografia, gramática e pontuação merecem ser muito bem tratadas.

Obs.: Da resenha descritiva deve constar uma parte em que se dão as informações sobre o texto a ser resenhado, tais como:

1. Nome do autor (ou dos autores);

2. Título completo e exato da obra (ou do artigo);
3. Nome da editora (ou coleção de que faz parte a obra);
4. Lugar e data da publicação;
5. Número do volume de páginas.

Para finalizarmos nossos estudos a respeito de resenha seguem algumas dicas para que você possa, também, resenhar um filme:

Dados completos de uma aventura ou filme, composta de: *Sinopse, História, Ambientação, Personagens, Curiosidades, Ficha Técnica e Avaliação*.

- a) **Sinopse** - Um máximo de cinco linhas que revela o que estará contido no roteiro da aventura (considerando tamanho 12, em fonte arial). São poucas linhas que devem dar uma idéia geral de toda a história.
- b) **História** - Geralmente esta é a parte maior da resenha, pois embora escrita de forma resumida, pode chegar a 25 ou 50 linhas (ou até mais se a aventura se desenrolar por três, quatro ou mais revistas). É desejável que a resenha não conte o final da história, instigando a curiosidade em quem já leu a aventura para ler novamente e, em quem não leu, para tentar encontrar a revista resenhada.
- c) **Ambientação** - Parte geralmente muito pequena, que fica em torno de 5 a 10 linhas, pois é uma breve descrição dos locais onde se passam as ações da aventura: o País, o Estado, as cidades, os vilarejos, acidentes geográficos, saloons, estábulo, delegacia, desertos, etc.
- d) **Personagens** - Todos os principais que participam da história.
- e) **Curiosidades** - A critério de cada colaborador: podem ser coisas curiosas da história, dos personagens, incongruências no argumento, falhas na arte, etc. Quanto a tamanho, pode ser do tamanho que o colaborador julgar necessário, mas recomendamos nunca ultrapassar o tamanho do texto escrito na parte HISTÓRIA.
- f) **Ficha Técnica** - Nome do livro ou filme, data de estréia ou preço de capa, Editora, nº de páginas, autor do livro ou roteiro, diretor, argumento, etc.
- g) **Avaliação** - Sua opinião pessoal sobre a aventura resenhada: história, arte, personagens, filme como um todo ou livro, etc.

RESUMO:

Algumas dicas para ajudá-lo a produzir resumos

O resumo, assim como a resenha, deve conter dados selecionados e sucintos sobre o conteúdo de outro texto. A diferença reside no fato de o resumo não conter comentários ou avaliações de seu produtor. Noutras palavras, o resumo é uma redução das idéias contidas num texto, mantendo a fidelidade ao texto original.

Eis algumas dicas para facilitar a produção de um resumo:

- A. Leia atentamente o texto a ser resumido, certifique-se de tê-lo entendido;
- B. Utilize a inserção de citações. (Segundo o autor... / Fulano de tal considera... / De acordo com que afirma...);
- C. Redija-o em linguagem objetiva, clara e concisa;
- D. Escreva-o com suas palavras, evitando copiar as frases e expressões contidas no texto original;
- E. Desconsidere conteúdos facilmente inferíveis; ("Maria era uma pessoa muito boa. **Gostava de ajudar as pessoas.**")
- F. Ignore expressões explicativas; ("Discutiremos a construção de textos argumentativos, **isto é aqueles nos quais...**")
- G. Não use expressões que exemplifiquem; (As pessoas deveriam ler, também outros autores. **Por exemplo...**)
- H. Não considere as justificativas de uma afirmação; ("Não corra tanto, **pois quando se corre...**")
- I. Reduza o texto a uma fração do texto original, respeitando a ordem em que as idéias ou fatos são apresentados;

O fragmento abaixo é um exemplo de resumo.

"**Leonardo Boff** inicia o artigo 'A cultura da paz' apontando o fato de que vivemos em uma cultura que se caracteriza fundamentalmente pela violência. Diante disso, **o autor levanta** a questão da possibilidade de essa violência poder ser superada ou não. Inicialmente, **ele apresenta** argumentos que sustentam a tese de que seria impossível, pois as próprias características psicológicas humanas e um conjunto de forças naturais e sociais reforçariam essa cultura da violência, tornando difícil sua superação. Mas, mesmo **reconhecendo** o poder dessas forças, **Boff considera** que, nesse momento, é indispensável estabelecermos uma cultura de paz contra a violência, pois essa estaria nos levando à extinção da vida humana no planeta. **Segundo o autor**, seria possível construir essa cultura, pelo fato de que os seres humanos são providos de componentes genéticos que nos permitem sermos sociais, cooperativos, criadores e dotados de recursos para limitar a violência e de que a essência do ser humano seria o cuidado, **definido pelo autor** como sendo uma relação amorosa com a realidade, que poderia levar à superação da violência. A partir dessas constatações, **o teólogo conclui**, incitando-nos a despertar as potencialidades humanas para a paz, como projeto pessoal e coletivo."

(MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 16)
<http://www.caminhosdalngua.com/Resenha.html>

8. As condições de produção do texto: sujeito (autor/leitor), o contexto (imediatos/históricos) e o sentido (interação/interpretação)

KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. (2006). *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.

Com base na concepção de que texto é lugar de interação de sujeitos sociais, os quais se constituem e são constituídos, dialogicamente, por meio do texto, Koch & Elias (2006) apresentam, de uma forma objetiva e didática, as estratégias utilizadas pelo leitor no processo de leitura e construção de sentidos. Nessa concepção os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais.

As autoras discutem as concepções de sujeito, língua e texto que estão na base das diferentes formas de se conceber a leitura. Situam-se na concepção interacional e dialógica da língua, compreendendo os sujeitos como construtores sociais, que mutuamente se constroem e são construídos por meio do texto, considerado o lugar por excelência da constituição dos interlocutores. A leitura, nesse âmbito, é entendida como atividade interativa de construção de sentidos. Para isso, ressalta-se o papel do leitor enquanto construtor do sentido do texto, que, no processo de leitura, lança mão de estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, além de ativar seu conhecimento de mundo, na construção de uma das leituras possíveis, já que um mesmo texto admite uma pluralidade de leituras e sentidos. A leitura, além do conhecimento lingüístico compartilhado pelos interlocutores, exige que o leitor, no ato da leitura, mobilize estratégias de ordem lingüística e de ordem cognitivo-discursiva.

Texto Complementar:

As mãos que empunham o texto: por uma leitura significativa
Maria Lúcia Moreira Gomes

A leitura parece ser um simples detalhe no meio educacional, uma necessidade intrínseca ao ato de estudar e aprender. Talvez seja esta banalização da leitura que tenha feito dela um ato mecânico e desprovido de qualquer sentido, ou seja, desprovido do verdadeiro sentido que uma leitura significativa deve ter: atribuir acepções, estabelecendo elos com o conhecimento de mundo.

Muito mais do que um mero mecanismo de decodificação e ativação dos conhecimentos, a leitura deve ser um processo interativo e de compreensão do mundo. A vivência como educadores nos dá conta de que está cada vez mais difícil a escrita e a leitura “corretas” em sala de aula, e isso se estende, o que é mais grave, até o nível universitário. Lê-se mecanicamente, lê-se sem atribuir significado, construindo um mero decodificar de letras e signos. O professor, por outro lado, acaba aferindo notas e medindo o ato de ler pelo simples falar compassado e entoado, conforme critérios estabelecidos e, se esse é regular, aquele dá por encerrada a leitura, até que ela possa ser avaliada num próximo dia.

Perde-se, dessa forma, o verdadeiro objetivo do ato de ler, medindo-se constantemente a capacidade de alfabetização daquele aluno. Onde fica então o estabelecimento de elos entre o mundo que se vive e aquilo que se lê, ou seja, sua competência no “letramento”, termo largamente explorado por Magda Soares. E a reflexão, e o despertar do senso crítico, tão falado em livros e congressos sobre leitura e educação global? Pior do que alunos despreparados para a leitura, em seu verdadeiro sentido, estão os professores, perpetuando uma automatização de gestos e pensamentos, deixando distante a capacidade de formar cidadãos críticos e integrais, termos já tão desgastados pelo uso.

Paulo Freire, em uma das inúmeras assertivas que lhe valeu a imortalidade na educação, dizia que “a leitura de mundo antecede a leitura da palavra”. Isto já se faz longe, muitos falam de seus conceitos e de sua coragem em imprimir mudanças, com o pensar crítico que o

caracterizava; os congressos em educação fazem largo uso de suas palavras e lá fora, nas salas de aula, perpetua-se a prática estruturalista da leitura e da produção de textos, descontextualizando texto e vida.

Se nos detivermos num livro que ouse ensinar prática de leitura em sala de aula, encontraremos os inúmeros equívocos estabelecidos. O foco está na capacidade de articular corretamente os fonemas, na pontuação correta, no ritmo empreendido e é só. Acabada a tarefa de ler, o livro é fechado, ou se trabalhado, perguntas como: “o que o autor quis dizer com...” ou “quais e quantos são as personagens da história” limitam a “análise” do texto. E a tão falada contextualização fica a cargo, equivocadamente, das perguntas de gramática, que não mais desfocadas de um texto, como modernamente se prega, aparecem assim: “Na frase (l.5) ‘Júlio não parecia concordar com a idéia’, quem é o sujeito?”

A escola parece priorizar os aspectos gramaticais, transforma as aulas de leitura em pretextos para o estudo de questões normativas, e deixa de lado a constituição de possíveis significados do texto que não estão estabelecidos no nível mais propriamente microestrutural do texto. A linguagem é vista de maneira mecânica, de forma que os segmentos menores se juntam para formar os maiores.

Não sabemos, na verdade, a quem atribuir tantos equívocos na práxis educacional, mas, com certeza, uma vontade imensa de acertar norteia as ações docentes, ao lado, é claro, de uma profunda ignorância do que seja o verdadeiro papel de um educador. Afinal, oprimido pelo novo e diferente, pela obrigação de ser bom, criativo, atual, informado, o professor não conta com quem lhe diga como fazer, mas o que não fazer, atitude que lhe impossibilita a concretização de tantos desafios.

O desafio da leitura está na busca de significações que ultrapassam as superfícies do texto, reconhecidas por qualquer pessoa treinada para ler, o que significa apenas um nível do texto, mas, sem dúvida, o que se quer é muito mais e esse mais se encontra nas diversas possibilidades de contextualização com o real que um texto pode suscitar e daí uma série de reflexões pertinentes podem ser efetuadas para imprimir mudança de comportamento, o que a nosso ver, constitui a verdadeira aprendizagem.

Diante deste cenário de mudanças pela qual passa a escola no que diz respeito à postura que o professor deve ter diante do aluno, de si mesmo e do conteúdo a ser ministrado, preocupamo-nos com a falácia que leva a lugar nenhum. Pouco ou nada se tem feito para tornar a aprendizagem atraente e despertar no aluno a consciência de sua existência enquanto sujeito, agente de transformações. Perpetuamos a história de alienação enfocada na obra “O nome da rosa”.

Coloca-se o professor ainda no pedestal da educação, assumindo um poder justificado pelo pouco conhecimento que tem e ignorando, pelo menos, dois dos direitos imprescindíveis do aluno, propostos por Penac (Perrenoud, 1994): o direito a só aprender o que tem sentido e o direito de existir como pessoa.

Como se não bastasse tudo isso, o mundo globalizado está sendo desenhado, tecido, sonorizado, colorido e agitado por um complexo fenômeno de elementos convergentes e contraditórios. Redes de signos são formadas numa comunidade que pode, a todo o momento, reorganizar massas de informações disponíveis on-line, por meio de conexões transversais e simultâneas. É a inteligência coletiva, conforme afirma Pierre Lévy (1998), que está se contrapondo à cultura verticalizada na qual vivemos até então.

O descaso com a gramática, a disseminação de termos de informática, a economia de caracteres digitados implica diretamente a forma de escrever dos alunos em salas de aula convencionais e uma conseqüente revolta por parte do professor que, por diversas razões, coíbe essa prática, numa luta constante pela conservação da linearidade e pureza da língua.

Ouve-se constantemente a revolta dos mestres diante do texto que já vem pronto da Internet, da falta que faz o livro, do aluno que não lê mais e, portanto, cada vez mais ignorante. Não percebe o professor que, fazendo uso da força contrária ao irreversível, ele perde tempo e não faz dos recursos que condena aliados de sua prática, discutindo com o aluno, sedento de saber e de reflexões, questões próprias de seu tempo.

Conforme abordagem de Pierre Levy (1998) a tecnologia é pharmacon, ou seja, nem veneno, nem remédio, mas aquilo que se fizer dela.

No trabalho com o curso superior nas Universidades, percebemos a carência existente nos alunos no que diz respeito a um maior aprofundamento no conhecimento de sua própria língua e como lhes foi inculcada pela vida afora a prática de uma língua portuguesa correta e exemplar, não lhes dando sequer abertura para a aceitação de seu uso coloquial.

É preciso, antes disso, observar e discutir essas mudanças que acontecem no mundo da linguagem, fazendo vê-las como inerentes a uma evolução natural da língua e como a leitura reflexiva é imprescindível nesse processo.

Referências Bibliográficas do texto acima.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. São Paulo : Autores associados/Cortez, 1987.

KLEIMAN, Angela. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1997.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo : Ática, 1997.

LUFT, Celso Pedro. Língua e Liberdade. São Paulo: Ática, 2003.

ORLANDI, Eni P. "A leitura proposta e os leitores possíveis" In: _____ (org.). A leitura e os leitores. Campinas : Pontes, 1998.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica (Coleção Linguagem e Educação), 1998.

Exercício

Após a leitura do texto acima elabore um esquema igual ao do texto de opinião e resenhe o artigo.